

[Arquivo]

Gramiro de Matos (1944-2024):  
práticas marginais e poéticas anticoloniais  
nos originais de *A Conspiração dos Búzios* (1978)

Leonardo D'Avila  
Ricardo Martins Valle  
Maryllu de Oliveira Caixeta

---

**Sobre os arquivos de Gramiro de Matos** – por Leonardo D'Avila

O evento *Por um mundo onde caibam muitos mundos – Literaturas do Sul Global* e a publicação do dossiê homônimo, sob organização de Maryllu Caixeta, Cássio Borges e Ricardo Valle, entre 2024 e 2025, marcaram um breve e promissor ponto de virada artística e acadêmica de Gramiro de Matos. Após muitos anos afastado do meio acadêmico e da vida literária, o autor foi convidado para um evento universitário internacional em sua terra natal, além de ter sido amplamente estudado em um dossiê acadêmico na **fólio – revista de letras**.

Neste novo número, a revista retoma passagens da edição original datilografada e mimeografada de *A Conspiração dos Búzios* num fac-símile do exemplar que pertenceu a Manuel Seabra e que hoje se encontra na Biblioteca da Universidade de Barcelona, além de imagens legadas por Ramiro Silva Matos Neto. Aproveitamos esta oportunidade de convergência para fornecer a novos pesquisadores e pesquisadoras alguns detalhes sobre os arquivos de Gramiro de Matos e, no mesmo gesto, esclarecer um pouco sobre nossa relação com o autor e sobre os frutos que ainda poderão surgir dali.

Durante o verão de 2012, por algumas “pistas” fornecidas por Jair Tadeu da Fonseca e após algumas perguntas, tivemos o prazer de conhecer Gramiro de Matos, que nos recebeu calorosamente em sua casa no Jardim de Alá, bairro calmo da orla da cidade de Salvador. Cultivador de *hobbies* e de certa solidão, travamos longas conversas sobre sua vida literária e seus

companheiros de viagem. Para minha surpresa, suas recordações remontavam a Glauber Rocha e Murilo Mendes, a Jorge Amado e Agostinho Neto – alguns deles, seus amigos pessoais. Essa abrangência revelou uma carreira maior do que a de um simples autor do “pós-tropicalismo”, além de indicar que havia ali muito material físico e humano a ser cultivado e aprendido. Àquele momento, porém, ignorávamos como aquele primeiro encontro marcaria o nascimento de nosso trabalho editorial, graças à gentileza de Ramiro Silva Matos Neto e de seus filhos.

Ainda em nosso primeiro encontro, Gramiro, já se revelando Ramiro, mostrou-se muito preocupado com a visualidade da linguagem e com a centralidade das ilustrações em seus livros. Logo nos apresentou também as paredes repletas de pinturas de Carybé e, das gavetas, retirou algumas fotografias anônimas dos anos setenta – as quais agora passam a compor esta série na seção **ARQUIVO** da **fólio** – além de algumas fotos artísticas de Mário Cravo Neto que compuseram o volume original. Entre elas, destacamos a capa da edição artesanal de *A Conspiração dos Búzios*, incluída como frontispício na edição da editora Cultura e Barbárie, produzido em 2014 e publicado em 2016.



*A conspiração dos Búzios*, reedição de 2016, Editora Civilização e Barbárie, atualmente esgotada. Projeto Gráfico de Marina Moros.

A edição que organizamos preservou não apenas as imagens e a estrutura, como também a estranheza do texto, sua liberdade lexical e sintática, a despeito das insistências do autor em reescrevê-lo quase por completo. A publicação, por sua vez, não representou uma ressurreição do processo artístico do autor, tampouco sua redescoberta pela academia, mas surgiu para, ao menos, destacar a interrogação que este autor representa para a Língua Portuguesa como um todo.

A segunda edição de *A Conspiração dos Búzios* foi publicada com recursos próprios e por uma editora independente do interior do Sul do Brasil, o que reitera a lacuna injustificável da presença do autor nos estudos literários e culturais nacionais. A publicação teve divulgação discreta, com exceção da valiosa matéria de Bolívar Correa no jornal *O Globo*. A posição marginal de Gramiro, porém, possibilitou investigações igualmente independentes sobre sua obra e ainda preserva um espaço misto de dúvida e descoberta — para além dos rótulos com os quais se tornou conhecido, ora como o “autor brasileiro mais incompreensível até hoje”, ora como um mero colega de tropicalistas como Waly Salomão ou Torquato Neto. Provavelmente, sua maior marca virá de seu pioneirismo no âmbito da literatura comparada entre Brasil e África.

Além das fotografias e ilustrações – que com a colaboração de Maryllu Caixeta e Jordi Cerdà trazemos nesta edição – ainda há muito de Gramiro a ser desvendado. Os arquivos do autor certamente constituem um campo fértil tanto para novas leituras quanto para estudos de literatura comparada entre Brasil e África. Esses frutos não deverão surgir apenas de sua tese de doutoramento, mas principalmente das possíveis anotações feitas pelo autor na África durante as guerras de descolonização. Vale lembrar que Gramiro não apenas estudou, mas conviveu com muitos dos poetas que foram lideranças nas lutas pela independência de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde.

Essa lacuna, porém, não passou despercebida também por pesquisadores estrangeiros, que tiveram o privilégio de conhecer Ramiro e estudar Gramiro. Na América do Sul, Florência Donaldi, professora da Universidade de Córdoba, atualmente traduz *A Conspiração dos Búzios* para a língua espanhola. E Jordi Cerdà mantém sua importante investigação sobre as inserções de Gramiro de Matos na Europa, sobretudo por conta da relação de Gramiro com o poeta

Manuel de Seabra, coeditor da revista *Pasárgada* nos anos setenta. Certamente outros trabalhos semelhantes ainda surgirão a partir de pesquisadores africanos, que também deverão ter sua vez nos silêncios de Gramiro de Matos. Por essa razão, vivemos um momento triste pela perda irreparável de Ramiro, mas temos a felicidade de presenciar a redescoberta acadêmica e artística de Gramiro de Matos – além de sua internacionalização – num momento frutífero de novas investigações, em novas vozes e em novos contextos.



Imagem da capa e da contra-capa do exemplar subsistente na biblioteca da Universitat Autònoma de Barcelona; imagem compartilhada por Jordi Cerdà (UAB). Devido ao contraste com o branco da bata de Gramiro na fotocópia a que tivemos acesso, ainda não conseguimos reconstituir o texto da contra-capa.

### **Aos que nasceram depois: o Projeto ARQUIVO Gramiro de Matos**

Dando seguimento ao projeto proposto por Maryllu Caixeta, durante seu estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGCEL-UESB) e depois como professora visitante no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL-UESB), os próximos números da **fólio** pretendem publicar uma pequena fração dos arquivos de Gramiro de Matos, a maior parte deles disponibilizados gentilmente pelo próprio Ramiro e sua família. A revista de

letras do DELL teve acesso a esses arquivos pela generosidade dos pesquisadores Leonardo D'Avila e Jordi Cerdà, que têm se debruçado sobre o trabalho de Gramiro nos últimos anos, empenhados em manter aceso esse farol da mais avançada vanguarda literária dos anos 1970.

Pelas características de sua própria carreira literária – Gramiro de Matos, afinal, foi um *outsider* até para a cultura marginal contemporânea que ele integrou –, todas as suas obras são hoje uma raridade bibliográfica: apenas *Urubu-Rei* chegou a ter uma 2ª edição ainda nos anos 1970; e a reedição de *A Conspiração dos Búzios*, que saiu em 2016, já está esgotada na editora. Queremos, portanto, poder abarcar o maior número de aspectos de sua obra a cada próximo número da **fólio**. Pela colaboração com o professor Orlando José Ribeiro de Oliveira do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH-UESB), conseguimos um exemplar de *Os morcegos estão comendo os mamões maduros* (1976) e estamos trabalhando na digitalização do volume único da revista *Pasárgada*, na colaboração de Jordi Cerdà.

Com fotos antigas e páginas de seus livros, acompanhadas de comentários críticos, notas biobibliográficas e informações históricas, nossa finalidade aqui é perpetuar a memória Gramiro de Matos e fazer jus à ousadia de seu trabalho e à atualidade das lutas que esse escritor admirável empreendeu por meio da literatura. Pela grandeza e complexidade de sua obra, inclusive a acadêmica, esperamos que este movimento seja ensejo para novos estudos e novas reedições de seu trabalho. Além da necessária republicação de todas as suas obras, informações mais detalhadas sobre sua trajetória precisam urgentemente ser recuperadas enquanto temos parceiros de viagem para falar sobre Gramiro e sobre Ramiro.

Ao mesmo tempo que lamentamos sua perda, que não permitiu que em vida ele mesmo pudesse testemunhar os desdobramentos do evento e do dossiê *Por um mundo onde caibam muitos mundos – Literaturas do Sul Global*, realizado no âmbito do PPGCEL-UESB, honramos sua memória e festejamos o privilégio de sua presença naquele último evento, em outubro de 2024, que ninguém poderia imaginar que seria seu derradeiro encontro público, tendo falecido 40 dias depois, sem que o número da revista produzida em sua homenagem tivesse ficado pronto, previsto para o primeiro semestre de 2025.

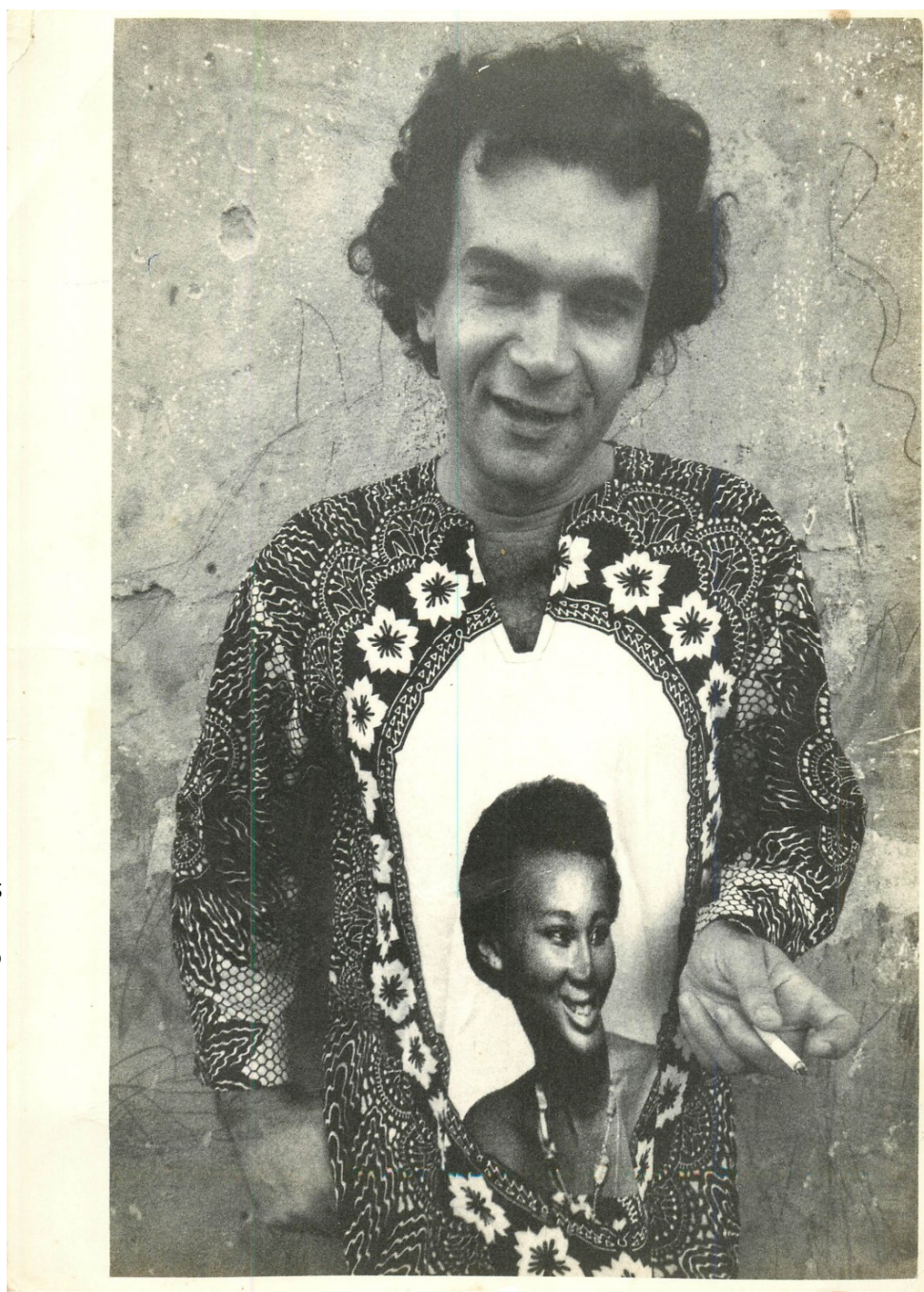
Neste novo número, a seção **ARQUIVO** dá ênfase aos documentos relacionados ao romance *A Conspiração dos Búzios* (1978), seu terceiro livro publicado, nos 180 anos da deflagração da Revolução dos Alfaiates (1798). E por diversas razões. Trata-se provavelmente de seu livro mais emblemático, além de ser talvez a melhor porta de entrada para sua obra, já por ser provavelmente o mais palatável ao leitor não especialista e demais amantes de literatura brasileira. É também aquele que tem uma pegada histórico-historiográfica marcante, de interesse permanente para a cultura brasileira e baiana, uma vez que faz uma tresleitura dos arquivos da Inconfidência Baiana, ou Revolta dos Alfaiates, resgatando nelas aspectos da luta democrática, antimonárquica, antiescravista, anticolonial e inclusive antifascista, dando o devido peso e valor políticos às bases comunitárias da identidade negra e mestiça que alicerçaram o movimento de emancipação interrompido pela truculência colonial e construindo uma representação literária rica de elementos simbólico-míticos de culturas africanas e sulamericanas que ainda precisam ser estudados de perto.

*A Conspiração dos Búzios* é, neste sentido, seu livro ficcional de atualidade mais evidente para o debate contemporâneo, uma vez que “não secou ainda o ventre da besta imunda”, para usar um verso anti-fascista de que Gramiro gostava, retirado do epílogo de *A reversível ascensão de Arturo Ui* (*Der aufhaltsame Aufstieg des Arturo Ui*), peça anti-nazista de 1941. Com essa frase poderosa, é encerrada a libertadora leitura de *A Conspiração dos Búzios* (já ia dizendo “avassaladora leitura”, mas Gramiro-encantado por cima do ombro me alertou aqui!). Essa mesma frase é utilizada como epígrafe em um texto não assinado na *Revista Pasárgada* (1976), que deverá ser nosso foco no próximo volume da **fólio**, com material disponibilizado por Jordi Cerdá e outros colaboradores.

Não pretendemos disponibilizar livros inteiros, ainda que todos estejam esgotados, uma vez que, neste momento, queremos realmete ensejar a republicação de toda a sua obra, em projetos editoriais que ainda aguardam a quixotesca, ou gramiresca, energia de vencer não moinhos de vento mas a ciclópica besta imunda que poucas obras como a sua são capazes de enfrentar.

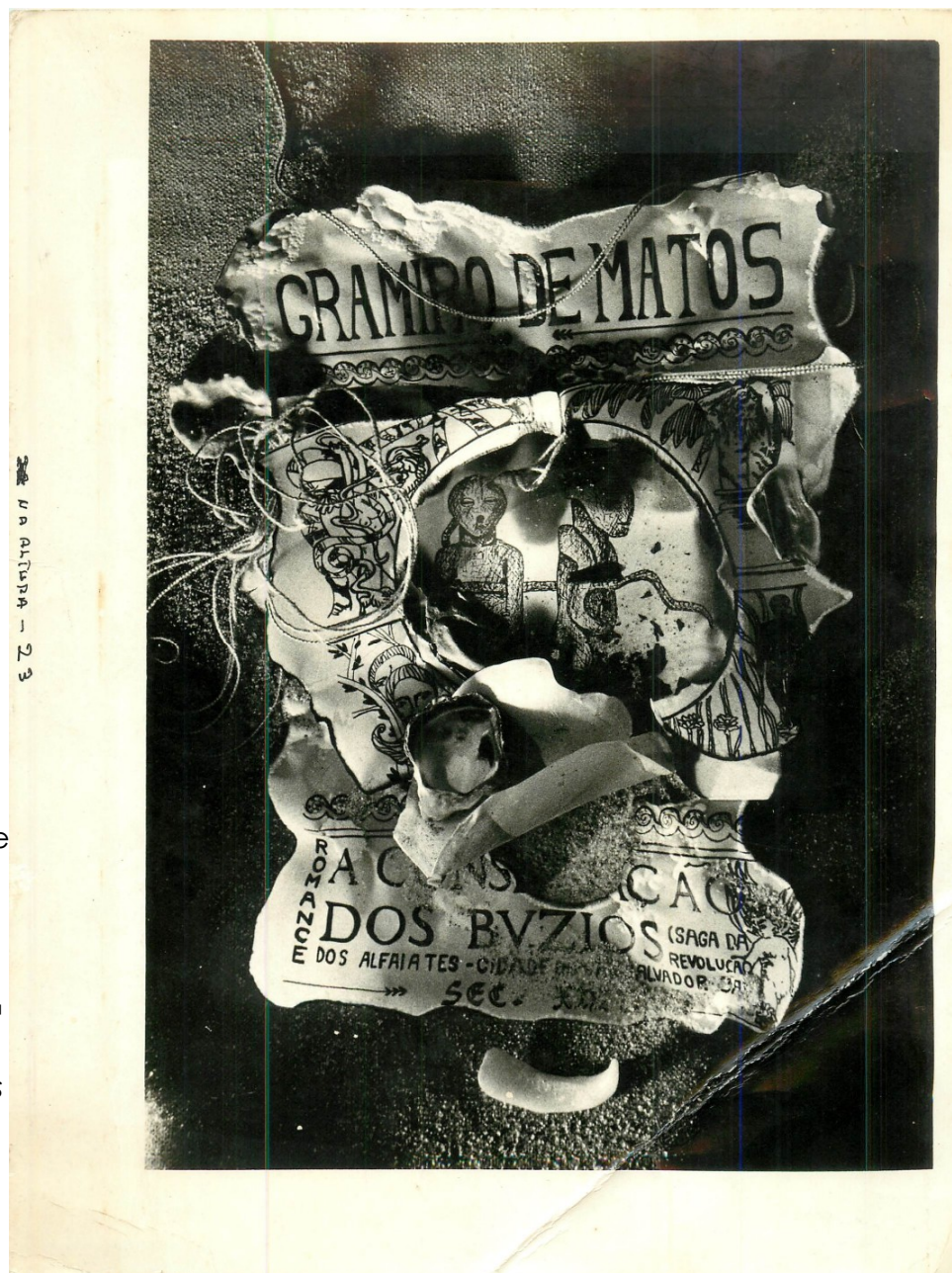
## Imagens para capa e contra-capa

**Ramiro Silva Matos Neto** (1944-2024), **Gramiro de Matos**, com cerca de 33 anos de idade, em foto tirada por Mário Cravo Neto para a contracapa de *A Conspiração dos Búzios*, 1978.  
**Fonte:** Arquivo da família. **Foto:** Mário Cravo Neto.



As fotografias originais de Mário Cravo Neto que o próprio Ramiro guardou dão ideia melhor do efeito da capa e da contra-capa do exemplar fotocopiado de *A Conspiração dos Búzios*, pertencente à Biblioteca de Humanidades de Barcelona e que reproduzimos anteriormente. Ficam ainda elementos a serem compreendidos: a identidade da mulher negra figurada na bata de Gramiro, a autoria e o significado dos desenhos que compõem o pasquim-frontispício da fotomontagem, o material utilizado para dar plasticidade ao papel semidestruído, o século indicado em números romanos mas ilegível pela presença de areia sobre o material, o fragmento branco

disposto abaixo da página que pode ser um pedaço de concha mas também o dente de um caífitu, além da identidade exata de Rose, que colaborou na montagem, segundo informação ao final do livro.

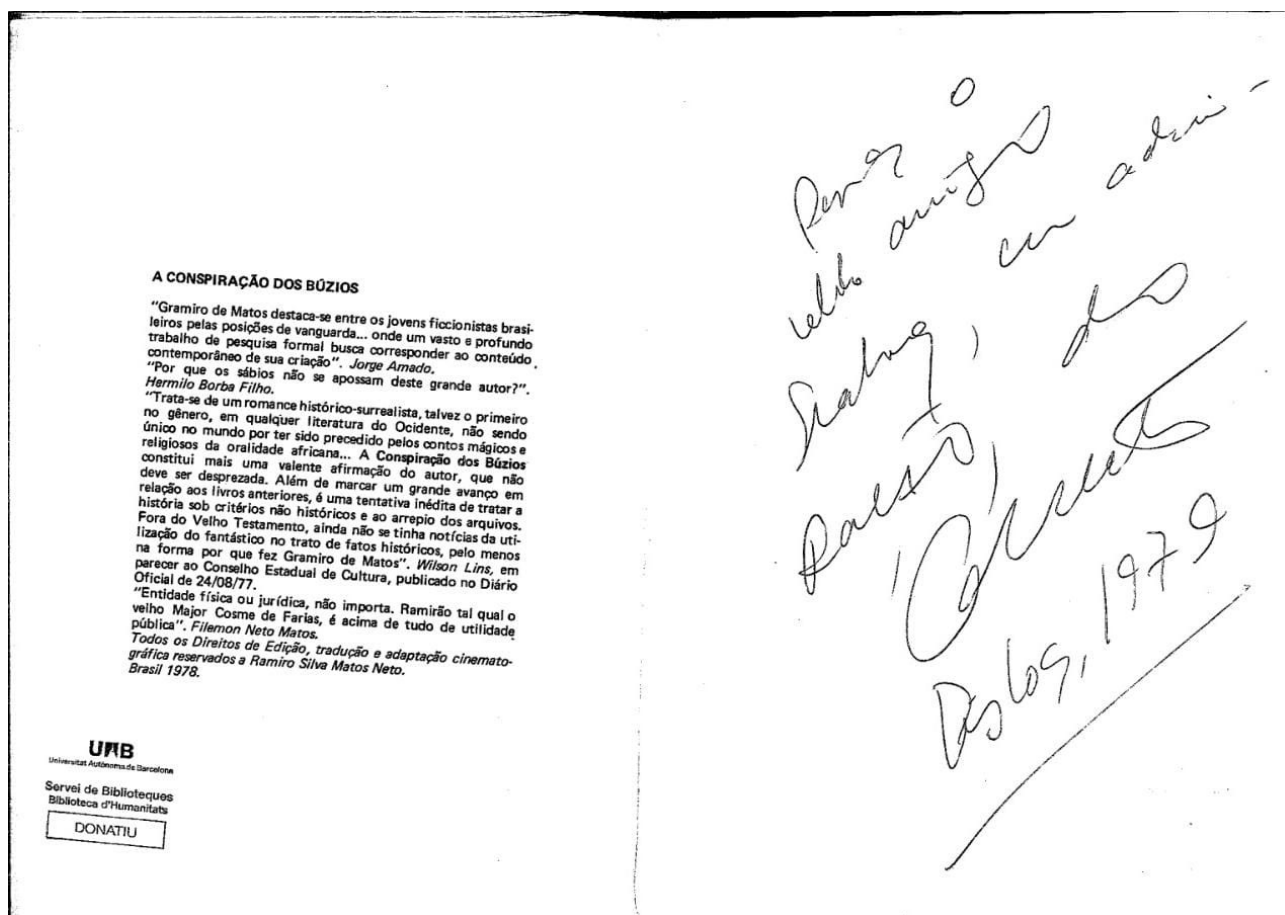


Fotomontagem feita por **Gramiro de Matos e Rose**, segundo informação da edição original; em fotografia de **Mário Cravo Neto** utilizada na capa da 1ª edição de *A Conspiração dos Búzios* (Saga da Revolução dos Alfaiates – Cidade [de São] Salvador – Bahia), 1978. **Fonte:** Arquivo da família.

### **Palavras de amigo: endossos e dedicatória à margem de um livro marginal**

No exemplar a que tivemos acesso, guardado pela Biblioteca de Humanidades da UAB, lemos os endossos no verso da capa, reunindo quatro depoimentos amistosos sobre a personalidade literária de Gramiro, sua obra em geral e o livro que se publicava nesse formato único: com as partes paratextuais impressas (capas, *blurbs*, informações editoriais e preâmbulo) e o miolo datilografado, mesclado por colagens de gravuras originais (de Polpolvuch?... ) e de algumas páginas de uma edição

contemporânea sua dos *Autos da Devassa da Conjuração Baiana*. Na primeira página em branco, lemos a dedicatória manuscrita ao escritor português Manuel Seabra, radicado em Barcelona e parceiro de Gramiro na revista *Pasárgada* (1976) e na *Antologia da novíssima poesia Brasileira* (1981) (Cerdà Subirachs, 2025a; 2025b.): "Para o velho amigo Seabra, com admiração, do Gramiro [Matos?], 1979."



À esquerda, no verso da capa da edição de 1978, a página de endossos (ou *blurbs*), com carimbo de doação ao Serviço de Bibliotecas da UAB. À direita, a dedicatória manuscrita de Gramiro no exemplar de Manuel Seabra legado à Biblioteca d'Humanitats da instituição.

Dada a importância das opiniões de escritores contemporâneos do autor sobre uma obra literária com tão escassa fortuna crítica até os dias de hoje, transcrevemos a seguir a página de endossos da 1ª edição de *A Conspiração dos Búzios*, e na sequência incluímos algumas informações sobre as personalidades que os assinam, ou que neles são referidas.

"Gramiro de Matos destaca-se entre os jovens ficcionistas brasileiros pelas posições de vanguarda... onde um vasto e profundo trabalho de pesquisa formal busca corresponder ao conteúdo contemporâneo de sua criação". *Jorge Amado*.

"Por que os sábios não se apossam deste grande autor?". *Hermilo Borba Filho*.

"Trata-se de um romance histórico-surrealista, talvez o primeiro no gênero, em qualquer literatura do Ocidente, não sendo único no mundo por ter sido precedido pelos contos mágicos e religiosos da oralidade africana... **A**

**Conspiração dos Búzios** constitui mais uma valente afirmação do autor, que não deve ser desprezada. Além de marcar um grande avanço em relação aos livros anteriores, é uma tentativa inédita de tratar a história sob critérios não históricos e ao arrepio dos arquivos. Fora do Velho Testamento, ainda não se tinha notícias da utilização do fantástico no trato de fatos históricos, pelo menos na forma por que fez Gramiro de Matos". *Wilson Lins*, em parecer ao Conselho Estadual de Cultura, publicado no Diário Oficial de 24/08/77.

"Entidade física ou jurídica, não importa. Ramirão tal qual o velho Major Cosme de Farias, é acima de tudo de utilidade pública". *Filemon Neto Matos*.

Todos os Direitos de Edição, tradução e adaptação cinematográfica reservados a Ramiro Silva Matos Neto. Brasil 1978.

Nesta rara página de endossos literários, lemos elogios de **Jorge Amado** (1912-2001), o famoso romancista brasileiro que dispensa apresentações e o principal "padrinho literário" do jovem Gramiro de Matos no horizonte literário brasileiro de sua época; **Hermilo Borba Filho** (1917-1976), escritor, crítico e dramaturgo pernambucano, fundador do Teatro do Estudante de Pernambuco e do Teatro Popular do Nordeste, na parceria de outras personalidades da literatura e das artes cênicas nordestinas, como Ariano Suassuna; **Wilson Lins** (1920-2004), ensaísta, cronista e romancista baiano, que tem como livro de estreia *Zaratustra me contou* (1929), com o subtítulo "romance surrealista", e que hoje demanda outro resgate editorial à semelhança daquele que aqui ele endossa; **Filemon Neto Matos** (nascido em 1944), economista e professor baiano, natural de Iguai, assim como Ramiro Silva Matos Neto; foi preso em 1968 pela Ditadura Militar, quando estudante da UFBA, por ocasião do célebre Congresso da UNE, em Ibiúna, São Paulo; mais recentemente, o professor emérito deu testemunho na Comissão Nacional da Verdade da Bahia. O professor Filemon Neto Matos é uma das vozes vivas que podem hoje falar da trajetória de Gramiro a bem da memória e da justiça que sua obra aguarda receber.

Ainda que sejam palavras de amigos, os endossos nos informam sobre o impacto do trabalho desse artista, dando-nos dimensão de sua relevância na cena literária de seu tempo, por ocasião da publicação de seu terceiro livro, um romance marginal pelos procedimentos técnicos empregados e pelas posições políticas que assume na luta democrática por meio da literatura. Aliás, os elogios contidos nesses *blurbs* indiciam ou anunciam um certo silêncio sobre sua obra de que tem falado Leonardo D'Avila (2025, p.165-181).

Na posição de Conselheiro de Cultura do Estado, num parecer sobre o livro ainda no prelo, Wilson Lins valentemente defende o artista e amigo, medindo seu avanço em

relação aos outros dois livros já publicados – *Urubu-Rei* (1972; 2ª ed., 1976) e *Os morcegos estão comendo os mamãos maduros* (1974) – e indicando a força desse conjunto em construção: “mais uma valente afirmação do autor, que não deve ser desprezada”. Entretanto, o questionamento de Hermilo Borba – que não pôde ler *A Conspiração dos Búzios* – não deixa de indicar um inconformismo em relação a esse desprezo sinalizado por Wilson Lins que parece latente no relativo silêncio da recepção sobre as obras anteriores, que não seria diferente com esse terceiro projeto literário, certamente o mais palatável e de menor dificuldade formal para o leitor comum<sup>1</sup>.

Jorge Amado empenha sua influência literária ao valorizar a pesquisa formal em busca da expressão de uma nova geração. Filemon Matos refere uma personalidade emblemática do ativismo negro na Bahia do século XX, o Major Cosme de Farias, que, como advogado, defendeu Dadá, viúva de Corisco, após a chacina contra o grupo de lampião<sup>2</sup> e manteve o título simbólico de major da Guarda Nacional, do tempo da “República Velha”, apesar de pertencer à primeira geração de negros libertos no Brasil, nascido sob a Lei do Ventre Livre. Cosme de Farias testemunhou a escravidão e a edição da Lei Áurea, que festejou aos 16 anos, conforme discurso de 1964, em seu último mandato na Assembleia Legislativa da Bahia, manifestando-se valentemente contrário ao regime autoritário, que, embora tivesse mantido o conservador Juracy Magalhães, eleito em 1962, suprimiria o direito a voto no Estado a partir dos mandatos que se seguiram, de Luís Viana Filho (1967-1970) e Antônio Carlos Magalhães (1971-1975), governadores “biônicos” do regime militar (Celestino, 2011).

O bravo Major negro morreu em 1972, no mesmo ano de publicação do primeiro livro de Gramiro de Matos. O ativismo comunitário de Cosme de Farias, sua luta pelas instituições democráticas e sua ligação com a cultura negra periférica de Salvador franqueiam a aproximação em relação à perspectiva política e racial do anticolonialismo de Gramiro, como sugere amistosamente o amigo Filemon. Sua radicalidade, porém, na expressão literária e na luta democrática de seu tempo, condenaram Gramiro de Matos ao ostracismo, o que de alguma forma ele aceitou, retirando-se da cena literária e dedicando-se a outras lutas e outras formas de expressão, sem perder a “utilidade pública”.

---

1 Em um próximo número da **fólio**, traremos material jornalístico sobre sua primeira recepção crítica, coligida pelo próprio Gramiro.

2 <https://www.oab-ba.org.br/noticia/oab-ba-concede-titulo-de-advogado-a-cosme-de-farias>. Consultado em 27/12/2025.

### **Entre o mito e o arquivo: um “romance histórico-surrealista”**

O romance mito-histórico de Gramiro é dividido em sete “Filmagens”, no lugar de “Capítulos”, além de um próêmio intitulado “Guerra dos Encantados”, que inserimos abaixo.

Menos “ao arrepio dos arquivos” do que o amigo sugeria no parecer ao Conselho de Cultura do Estado mencionado acima, encontramos, no interior do vertiginoso romance, passagens dos pasquins revolucionários apreendidos pela Devassa, dos depoimentos dos réus no curso do processo e das sentenças brutais que caíram sobre os revoltosos, enforcados e esquartejados, com suas cabeças e os quartos de seus corpos distribuídos por pontos designados da cidade.

Algumas partes dessa documentação arquivísticas estão datilografadas com ligeiras modificações, próprios aliás da movência da manuscritura que Gramiro, deliberadamente ou não, desdobra ao apropriar-se do conteúdo dos documentos, intervindo sobre as cópias que utilizou ao copiá-las. Além dessa forma de incorporação da documentação histórica, o artista faz colagens diretas de páginas de uma edição dos *Autos da devassa* particularmente ao final das Filmagens 1, 3 e 7, com as transcrições dos pasquins revolucionários apreendidos que se encontram no Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB).

Reproduzimos a seguir o próêmio de *A Conspiração dos Búzios* (1978), na primeira edição artesanalmente produzida pelo autor, no mesmo exemplar que pertenceu ao escritor português radicado na Catalunha, Manuel Seabra. Para facilitar o acesso ao conteúdo do texto, transcrevemos nas páginas subsequentes esse prólogo impresso em que se apresentam os personagens centrais da Revolta dos Alfaiates em interação mágica com diversas tradições de Orixás e Caboclos, misturados com intérpretes do *Quipu* andino, além de padres, soldados mestiços e escravos, debaixo da violência e do autoritarismo da dominação colonial. De um ponto de vista bibliológico ainda nos falta entender por que razão apenas esse próêmio, além dos elementos paratextuais, foi impresso e colado sobre a página com o título principal “GUERRA DE ENCANTADOS” feito à máquina de escrever como o restante do livro.

## MESTIÇO DA COR DO ABARÁ

No Perourinho, onde vive muitos vagabundos, "os seres humanos mais livres" como dizia LUCAS DANTAS, na Praça de Quinze Mistérios, porque entre outras singularidades houve uma tremenda guerra de santos entre encantados nagôs, jejês, e indígenas e espíritos, liderados por Oxóssi, Caboclo Malembá e Cobra Caua contra decifreadores, advinhos, astrólogos e alquimistas estrangeiros, que tentavam descobrir os mistérios para o Império continuasse dono do poder absoluto da cidade, ameaçada pelos orixás, que teriam elaborado e escondido os enigmas, onde estariam informações da grande conspiração anticolonial em curso. Entre os mistérios a serem descobertos estariam principalmente as fórmulas de fazer e desaparecer o dia, de matar o sol e de conquista do fogo, além de fabricar a chuva, armas consideradas perigosíssimas nas mãos dos encantados.

Quijucamayec, um advinho, que desenhava na Praça Dos Quinze Mistérios um grande painel com os dizeres "Há na lua e no sol escondidos nesta Praça sinais de catástrofes de desgraças" desencanando uma forte animosidade entre encantados e demiurgos, provocando uma vazação de notícia de Olorum, o senhor do Cau, clandestinou o Sol e a Lua dentro dos olhos de um santo-boneco, num dos terreiros da Praça, para retirar o dia da circulação quando bem entendesse ou ordenasse os chamados Conspiradores Dos Búzios.

Um manifesto agressivo defendendo a vigilância dos orixás e de outros cultos e do povo sofredor inteiro contra as atividades dos agentes mágicos estrangeiros, lançado por Exú, através de sua comissão política, Linha de Nagô (povo de Ganga), conclamando o povo para o perigo das vazações, por elementos não patrióticos, de indicações de elementos que poderiam levar a decifrações de mistérios, que não interessavam a luta dos santos nem do povo, provocou a gota d'água, que levou os santos guerreiros a uma luta feroz contra os mágicos aliados do Império, que durou vários dias e várias noites seguidas, até a expulsão dos colaboracionistas, muitos deles desfarçados, e que dificultou a vitória total, que só apareceu muitos anos depois.

Na Baixa dos Sapateiros, onde passeiam as mulheres celestes, as cabrochas mais belas do mundo, lugar de fazer amor, era geralmente os locais, onde agente se reunia para discutir os problemas do prosseguimento da nossa dura e longa luta.

"— A luta do nosso povo é para ter o direito de negociar com todos os países, para que não haja discriminação entre brancos e pretos ou mestiços, para que a religião seja livre sem nenhuma imposição, para que nossos soldados tenha seus saldos dignos, para possamos viver conforme nossas aspirações, a vontade da maioria livremente expressa, traçar nosso próprio destino nacional."<sup>1)</sup>

Mancel Faustino dos Santos Lira, muleque de pedras, dezesseis anos, ouvia com atenção a voz de som duro doce de mestre JOÃO DE DEUS DO NASCIMENTO, numa reunião clandestina em uma alfaiataria baiana, seu local de trabalho e conspiração, na PRAÇA DOS QUINZE MISTÉRIOS.

Homem de imaginação futurista, eletrificando os conformistas, era o Sol queimando a cente, contra as penças de bananas curvadas diante da opressão estrangeira, oh meus camaradinhas, JOAO havendo sendo sempre presente da rebelião lavrador, não há morte para o vento, não há morte... éta mestiço de pele de abará, suave e puro, machado, patriota.

É um diamante de caráter este sujeito, não é por acaso que os companheiros do jovem LIRA, os soldados

LUCAS DANTAS e LUIS DAS VIRGENS, entre artistas, religiosos, negociantes, tem tanta admiração e confiança neste cara, um democrata longo, transparente, maior do que seu próprio país, sua consciência de Independência, "só se faz a democracia com democratas".

Onde este analfabeto, trabalhador simples, teria aprendido tanta coisa carteira e bonita? Dizem que aprendeu a ler com ajuda de um padre, que lê pra ele as obras dos franceses, coisas mirabolantes, proselitistas, mas que transmite algumas verdades, mas porque alguns exelentíssimos que simpatizam com a causa, não tem estes expresionamentos ilusionistas, que dá fé nagente, que levanta dentro de nós estas chamas indomadas? Nestes reuniões, como em tantas outras, nas piores condições de clandestinidade, fugindo da temível polícia colonial, nos momentos perigosos e adversistas, mestre JOÃO estava sempre firme, destemido e confiante. Mas nem sempre o grupo adotava as formas de luta e o pensamento político do mestre, todos como é natural procuravam se tornar unidos num combate tão difícil, mas eram completamente dessemelhantes suas visões filosóficas, indo desde a religiosidade exacerbada de DAS VIRGENS ao materialismo de DANTAS passando pela democracia do mestre JOÃO e o nacionalismo, complicado e ufanista de LIRA, que entretanto aventava da confusão e falta de coesão que podia levar por água a baixo a luta sagrada pela Independência, em torno de que eles estavam entregando suas próprias vidas, como realmente aconteceu, quando foram fuzilados.

— Olhe, meu preto, agente precisa desde já praticar a democracia, ensina muito e fortalece agente, é fundamento de nosso combate o princípio de fazer e ampliar as tendências democráticas de todo nosso povo, banir de uma vez pra sempre o mando colonial ostensivo e degradante que humilha todo mundo.

— Mas é preciso ter muito cuidado, para conseguir a liberdade de nossa gente, não devemos, não podemos, sacrificar a nossa unidade que importantíssima.

— Sim. Pense nisso. Mas não acredito que nossas diferenças de opinião nos leve a divisão, fique em dúvida, eu estou sempre em dúvida. O Império é poderoso, mas os meios nunca justificam os fins, não podemos lutar contra o invasor mantendo atitudes autoritárias entre nós, sabendo o mal que é o autoritarismo, agente nem precisa aprender estas coisas nos livros franceses, agente sente, agente vê. Aliás, a democracia, a Revolução Francesa apenas iniciou, nem sequer agente sabe se consolidará, tudo é muito vago para agente, não sabemos os caminhos direitos das coisas, da filosofia, mas não vamos nos desanimar, de uma coisa temos certeza, é preciso respeitar os direitos do povo.

Agente o amava e o respeitava delirantemente, olhos parados, limpados de chuva límpida, a toda hora soltando gargalhadas coloridas de vitória, com sua cor bonita verde-felção, vestido de sacas de café de cores, uma figura que só se vê em sonhos ou imaginários canaviais, uma menina bordada, na xilogravura da madrugada, assim nosso povo tinha uma imagem de mim, MANOEL LIRA, que vi de comunicar nas ruas oprimidas, a certeza de um dia os escravos iriam para o paraíso livre e belo, nas madrugadas altíssimas, o soldado LUIS de sentinela, desenhos e poesias em grandes murais, eu escrevia, oh meus irmãos!

Mas o soldado LUCAS DANTAS, moço e belo, já menos descrente, arreperando as polemizações de velho alfaiate, ficava pensando, se o mestre era mais um tabaréu sabido e astuto ou um trabalhador verdadeiro da soberania nacional ou um fino papagaio ou arranjador de idéias estereotipadas. LUCAS interessava vivamente por tudo que ele dizia, aquelas tiradas estrambólicas, as dúvidas e divergências que JOÃO DE DEUS sempre dei-

xava no ar, seu espírito aberto, irrequieto, antiautoritário. Na verdade, as vezes, não entendia bem isso. LUCAS como LUIS eram soldados do Império e mais antigo ou mais duro que seu companheiro LUIS, estava acostumado demais as ordens diretas e autocráticas da sua corporação. Por isso chegava a pensar que um chefe teria que agir dura e incontestavelmente sem nenhuma discursão precedente. Reconhecia qualidades de líder no mestre, estratégia, tática, mas também um certo ansiosismo e falta de visão global do contexto. LUCAS lembrava agora que foi um dos primeiros a aderir a conspiração, trazido inclusive pelo próprio JOÃO, desde aquela dia em que numa festa de largo, na Conceição da Lapa, tomando cachapa e lambretas o conheceu.

JOÃO DE DEUS estava lá piruando, houve uma briga, a guarda colonial aproveitou para espancar a criolado, o sangue escorreu solto das e por entre as cabeças-de-nêgo, empoçou o largo, misturando com as laranjas e abacaxis da rampa da praça, pintando de um vermelho amarelado todo o Mar Grande. Os homens ficaram prestados enopados gemendo, um homem botava mais sangue, jorrando pela boca quantidades alarmista de sangue, a guarda agressora, se acercando do homem, LUCAS ficou espantado, treinado e acostumado com a violência que dominava a presença colonial, nunca viu um homem ter tanto sangue, a ponto de fazer o oceano ficar coloridíssimo como nunca. Ateista, olhava para os jatos que saíam do homem espancado e as pinturas do mar, preocupado com o sobrenatural estava, excitado, agonistado, resolveu levar o homem espancado que jorrava sangue em quantidade descomunal nes suas próprias costas para a cabana de um curador Pai-de-Santo, que imediatamente, conseguiu estancar o sangue do ferido, fazendo estranhas pinturas com o sangue do homem nas grutas do seu terreiro. LUCAS ficou aliviado, puxou conversa com aquele homem que ajudou a curar-se e que o perturbou com o seu ferimento.

Plantar-se tábua, nasce corda,  
Da corda nasce pedra.

— Jirimum.

— Já agredi um homem, furei gente com este punhal aqui zunetei a pele destes criolos doidos, mas nunca me aconteceu, vê tanto sangue espirrar no mar, compreende?

O que é que é:  
Planta tabuinha,  
Estica linhinha,  
Colhe novelinho

— Aboboreira

— Eu derramo o sangue do meu povo — disse solene JOÃO DE DEUS crescendo diante do guarda imperial — o povo que vocês oprime, Repare, heim? Nestas veias corre o sangue sagrados dos patriotas, que lutam com suas próprias vidas no perigo, para libertar nossa gente pobre, esta cidade ocupada está esgarindo do sangue pisado do nosso povo, este sangue é semente. . . escuta meu nego, talvez você, não, não é um criminoso colonial, nosso irmão, consciente? cúmplice? sim cúmplice. . .

— Cúmplice? — indagou-se LUCAS, talvez pela primeira vez. Uma pancada, o guarda andava fuçando o terreiro de um lado pra outro, aparece o Pai-de-Santo, é único, distante, misterioso, neutro, silêncio as preces, Pai OLODUMARÉ, que quer e pode, mas não atende senão aos orixás e vedus, na tarefa de criar e compor,

pega a pintar, sopro de vida. Cúmplice? ouviu, viu, falou — como doi — acode!!! Cúmplice. . .

Nos olhos fecundos do homem que armazenava o sangue do povo visionou, viu um roçado de cenouras belo imenso correndo, gota de suor azul regando, trabalhando camponeses coloridas lendo de lágrimas alegres aquelas e outras leituras, mãe milho verdes, não há morte para o vento, para o deus que vem com o vento.

LUCAS DANTAS abaixou a cabeça, JOÃO DE DEUS acionou suas navas novíssimas de antenas futuristas, viu que este soldado era um homem capaz de arquer os punhos contra o invasor, porém de um rebo de ferro acoplado no sistema colonial português.

— Você necessita ter os corações simples ao lado do seu coração doce e de paz, dá sentido ao seu poder em favor de nossas gentes tristes — disse-lhe JOÃO DE DEUS, arreparando — mas você deve ser um plantador de fé, derramar inclusive seu sangue para que nossas gentes não abandona o sorriso de criar milhares e milhares de roçados de cenouras e felicidade neste país ainda dominado e humilhado.

Semeio latas  
Nascem cordas  
E colho bolias?

— As aboboras

A corrente do guarda enfureceu, tentou atacar o animador, duvidou, teve fé, aquietou.

— Deixa de guerra burra e injusta contra nós — rematou JOÃO DE DEUS, torcendo com suas mãos de imaginação a corrente de ferro.

— Arranque, isole, destrua esta minha horrível alteração — assuntou o guarda — me tire do escuro, cafundogu, desta caçimba de silêncios e correntes sujas de intolerâncias.

— Nenhum povo gosta de ser dirigido e mandado por outro povo, o colonialismo não tem futuro, a Independência é irrevésvel, afirmou, enfim, JOÃO DE DEUS, como um filho do vento, assumindo a forma de menino de bom gênio Erriten Kuan-Kuan, ele é assim, falador que faz os barulhos que se ouvem, que movimenta as coisas também parado e calado, é com os joelhos que ele faz barulho ou como pássaro, pois ele canta, adivinhações:

O que é, o que é?  
Juro por ti, minha vida  
Pássaro de pena ela é;  
Quem não disser essa adivinhação  
Cara de cavalo é

— Juriti



## GUERRA DE ENCANTADOS

### MESTIÇO DA COR DO ABARÁ

No Perourinho, onde vive muitos vagabundos, "os seres humanos mais livres" como dizia LUCAS DANTAS, na Praça de Quinze Mistérios, porque entre outras singularidades houve uma tremenda guerra de santos entre encantados nagôs, jejes, e indígenas e espíritas, liderados por Oxóssi, Caboclo Malembá e Cobra Cauã contra decifradores, advinhos, astrólogos e alquimistas estrangeiros, que tentavam descobrir os mistérios para o Império continuasse dono do poder absoluto da cidade, ameaçada pelos orixás, que teriam elaborado e escondidos os enigmas, onde estariam informações da grande conspiração anticolonial em curso. Entre os mistérios a serem descobertos estariam principalmente as fórmulas de fazer e desaparecer o dia, de matar o sol e de conquista do fogo, além de fabricar a chuva, armas consideradas perigosíssimas nas mãos dos encantados.

Quipucamayec, um advinho, que desenhou na Praça dos Quinze Mistérios um grande painel com os dizeres "Há na lua e no sol escondidos nesta Praça sinais de catástrofes de desgraças", desencadeou uma forte animosidade entre encantados e demiurgos, provocando uma vazação de notícia de Olorum, o senhor do Céu, clandestinou o Sol e a Lua dentro dos olhos de um santo-boneco, num dos terreiros da Praça, para retirar o dia da circulação quando bem entendesse ou ordenasse os chamados Conspiradores dos Búzios.

Um manifesto agressivo defendendo a vigilância dos orixás e de outros cultos e do povo sofredor inteiro contra as atividades dos agentes mágicos estrangeiros, lançado por Exú, através de sua comissão política, Linha de Nagô (povo de Ganga), conclamando o povo para o perigo das vazações, por elementos não patriotas, de indicações de elementos que poderiam levar a decifrações de mistérios, que não interessavam a luta dos santos nem do povo, provocou a gota d'água, que levou os santos guerreiros a uma luta feroz contras os mágicos aliados do Império, que durou vários dias e várias noites seguidas, até a expulsão dos colaboracionistas, muitos deles desfarçados, e que dificultou a vitória total, que só apareceu muitos anos depois.

Na Baixa dos Sapateiros, onde passeiam as mulheres celestes, as cabrochas mais belas do mundo, lugar de fazer amor, era geralmente os locais onde agente se reunia para discutir os problemas do prosseguimento da nossa dura e longa luta.

"- A luta do nosso povo é para ter o direito de negociar com todos os países, para que não haja discriminação entre brancos e pretos ou mestiços, para que a religião seja livre sem nenhuma imposição, para que nossos soldados tenha seus saldos dignos, para possamos viver conforme nossas aspirações, a vontade da maioria livremente expressa, traçar nosso próprio destino nacional."

Manoel Faustino dos Santos Lira, muleque de peladas, dezesseis anos, ouvia com atenção a voz de som duro doce de mestre JOÃO DE DEUS DO NASCIMENTO, numa reunião clandestina em uma alfaiataria baiana, seu local de trabalho e conspiração, na PRAÇA DOS QUINZE MISTÉRIOS.

Homem de imaginação futurista, eletrificando os conformistas, era o Sol queimando a gente, contra as pencas de bananas curvadas diante da opressão estrangeira, oh meus camaradinhas, JOÃO havendo sendo sempre presente da rebelião lavrador, não há morte para o vento, não há morte... êta mestiço de pele abará, suave e puro, machado, patriota.

É um diamante de caráter este sujeito, não é por acaso que os companheiros do jovem LIRA, os soldados LUCAS DANTAS e LUIS DAS VIRGENS, entre artistas, religiosos, negociantes, tem tanta admiração e confiança neste cara, um democrata longo, transparente, maior do que seu próprio país, sua consciência de Independência, "só se faz a democracia com democratas".

Onde este analfabeto, trabalhador simples, teria aprendido tanta coisa certa e

bonita? Dizem que aprendeu a ler com ajuda de um padre, que lê pra ele as obras dos franceses, coisas mirabolantes, prosetilistas, mas que transmite algumas verdades, mas porque alguns exelentíssimos que simpatizam com a causa, não têm estes expresionamentos ilusionistas, que dá fé nacente, que levanta dentro de nós estas chamadas indomadas? Nestas reuniões, como em tantas outras, nas piores condições de clandestinidade, fugindo da temível polícia colonial, nos momentos perigosos e adversistas, mestre JOÃO estava sempre firme, destemido e confiante. Mas nem sempre o grupo adotava as formas de luta e o pensamento político do mestre, todos como é natural procuravam se tornar unidos num combate tão difícil, mas eram completamente dessemelhantes suas visões filosóficas, indo desde a religiosidade exacerbada de DAS VIRGENS ao materialismo de DANTAS passando pela democracia do mestre JOÃO e o nacionalismo, complicado e ufanista de LIRA, que entretanto aventava da confusão e falta de coesão que podia levar por água a baixo a luta sagrada pela Independência, em torno de que eles estavam entregando suas próprias vidas, como realmente aconteceu, quando foram fuzilados.

– Olhe, meu preto, agente precisa desde já praticar a democracia, ensina muito e fortalece agente, é fundamento de nosso combate o princípio de fazer e ampliar as tendências democráticas de todo nosso povo, banir de uma vez pra sempre o mando colonial ostensivo e degradante que humilha todo mundo.

– Mas é preciso ter muito cuidado, para conseguir a liberdade de nossa gente, não devemos, não podemos, sacrificar a nossa unidade que importantíssima.

– Sim. Pense nisso. Mas não acredito que nossas diferenças de opinião nos leve a divisão, fique em dúvida, eu estou sempre em dúvida. O Império é poderoso, mas os meios nunca justificam os fins, não podemos lutar contra o invasor mantendo atitudes autoritárias entre nós, sabendo o mal que é o autoritarismo, agente nem precisa aprender estas coisas nos livros franceses, agente sente, agente vê. Aliás, a democracia, a Revolução Francesa apenas iniciou, nem sequer agente sabe se consolidará, tudo é muito vago para agente, não sabemos os caminhos direitos das coisas, da filosofia, mas não vamos desanimar, de uma coisa temos certeza, é preciso respeitar os direitos do povo.

Agente o amava e o respeitava delirantemente, olhos parados, limpados de chuva límpida, a toda hora soltando gargalhadas coloridas de vitória, com sua cor bonita verde-feijão, vestido de sacas de café de cores, uma figura que só se vê em sonhos ou imaginários canaviais, uma menina bordada, na xilogravura da madrugada, assim nosso povo tinha uma imagem de mim, MANOEL LIRA, que vi de comunicar nas ruas oprimidas, a certeza de um dia os escravos iriam para o paraíso livre e belo, nas madrugadas altíssimas, o soldado LUIS de sentinela, desenhos e poesias em grandes murais, eu escrevia, oh meus irmãos!

Mas o soldado LUCAS DANTAS, moço e belo, já menos descrente, arreparando as polemizações de velho alfaiate, ficava pensando, se o mestre era mais um tabaréu sabido e astuto ou um trabalhador verdadeiro da soberania nacional ou um fino papagaio ou arregador de ideias estereotipadas. LUCAS interessava vivamente por tudo que ele dizia, aquelas tiradas estrambólicas, as dúvidas e divergências que JOÃO DE DEUS sempre deixava no ar, seu espírito aberto, irrequieto, antiautoritário. Na verdade, as vezes, não entendia bem isso. LUCAS como LUIS eram soldados do Império e mais antigo ou mais duro que seu companheiro LUIS, estava acostumado demais as diretas e autocráticas da sua corporação. Por isso chegava a pensar que um chefe teria que agir dura e incontestavelmente sem nenhuma discussão precedente. Reconhecia qualidades de líder no mestre, estratégia, tática, mas também um certo ansiosismo e falta de visão global do contexto. LUCAS lembrava agora que foi um dos primeiros a aderir a conspiração, trazido inclusive pelo próprio JOÃO, desde aquele dia em que numa festa de largo, na Conceição da Lapa, tomando cachaça e lambretas o conheceu.

JOÃO DE DEUS estava lá piruando, houve uma briga, a guarda colonial aproveitou para espancar a crioula, o sangue escorreu solto das e por entre as cabeças-de-nego, empoçou o largo, misturando com as laranjas e abacaxis da rampa da praça, pintando de um vermelho amarelado todo o Mar Grande. Os homens ficaram prestados ensopados gemendo, um homem botava mais sangue, jorrando pela boca quantidades alarmista de sangue, a guarda agressora, se acercando do homem, LUCAS ficou espantado, treinado e acostumado com a violência que dominava a presença colonial, nunca viu um homem ter tanto sangue, a ponto de fazer o oceano ficar coloridíssimo como nunca. Ateísta, olhava para os jatos que saíam do homem espancado e as pinturas dos jatos que saíam do homem espancado e as pinturas do mar, preocupado com o sobrenatural estava, excitado, agonistado, resolveu levar o homem espancado que jorrava sangue em quantidade descomunal nas suas próprias costas para a cabana de um curador Pai-de-Santo, que imediatamente, conseguiu estancar o sangue do ferido. Fazendo estranhas pinturas com o sangue do homem nas grutas do seu terreiro. LUCAS ficou aliviado, puxou conversa com aquele homem que ajudou a curar-se e que o perturbou com seu ferimento.

Plantar-se tábua, nasce corda,  
Da corda nasce pedra.

– Jirimum

– Já agredi um homem, furei gente com este punhal aqui zunetei a pele destes criolos doido, mas nunca me aconteceu, vê tanto sangue espirrar no mar, compreende?

O que é que é:  
Planta tabuinha,  
Estica linhinha,  
Colhe novelinho

– Aboboreira

– Eu derramo o sangue do meu povo – disse solene JOÃO DE DEUS crescendo diante do guarda imperial – o povo que vocês oprime, Repare, heim? Nestas veias corre o sangue sagrados dos patriotas, que lutam com suas próprias vidas no perigo, para libertar nossa gente pobre, esta cidade ocupada está esganando do sangue pisado do nosso povo, este sangue é semente... escuta meu nego, talvez você, não, não, é um criminoso colonial, nosso irmão, consciente? cúmplice? sim cúmplice...

– Cúmplice? – indagou-se LUCAS, talvez pela primeira vez. Uma pancada, o guarda andava fuçando o terreiro de um lado pra outro, aparece o Pai-de-Santo, é único, distante, misterioso, neutro, silêncio as preces, Pai OLODUMARÉ, que quer e pode, mas não atende senão aos orixás e vedus, na tarefa de criar e compor, pega a pintar, sopro de vida. Cúmplice? ouviu, viu, falou – como dói acode!!! Cúmplice...

Nos olhos fecundos do homem que armazenava o sangue do povo visionou, viu um roçado de cenouras belo imenso correndo, gota de suor azul regando, trabalhando camponesas coloridas lendo de lágrimas alegres aquelas e outras leituras, mãe milho verdes, não há morte para o vento, para o deus que vem com o vento.

LUCAS DANTAS abaixou a cabeça, JOÃO DE DEUS acionou suas naves novíssimas de antenas futuristas, viu que este soldado era um homem capaz de erguer os punhos contra o invasor, porém de um rabo de ferro acoplado no sistema colonial português.

– Você necessita ter os corações simples ao lado do seu coração doce e de paz, dá sentido ao seu poder em favor de nossas gentes tristes – disse-lhe JOÃO DE DEUS, arreparando – mas você deve ser um plantador de fé, derramar inclusive seu sangue para que nossas gentes não abandone o sorriso de criar milhares e milhares de roçados de cenouras e felicidade neste país ainda dominado e humilhado.

Semeio latas

Nascem cordas  
E colho bolas?

– As abóboras

A corrente do guarda enfureceu, tentou atacar o animador, duvidou, teve fé, aquietou.

– Deixa de guerra burra e injusta contra nós – rematou JOÃO DE DEUS, torcendo com suas mãos de imaginação a corrente de ferro.

– Arranque, isole, destrua esta minha horrível alteração – assuntou o guarda – me tire do escuro, cafundegou, desta caçimba de silêncios e correntes sujas de intolerâncias.

– Nenhum povo gosta de ser dirigido e mandado por outro povo, o colonialismo não tem futuro, a Independência é irreversível, afirmou, enfim, JOÃO DE DEUS, como um filho do vento, assumindo a forma de menino de bom gênio Erriten-Kuan-Kuan, ele é assim, falador que faz os barulhos que se ouvem, que movimenta as coisas também parado e calado, é com os joelhos que ele faz barulho ou como pássaro, pois ele canta, advinhações:

O que é, o que é?  
Juro por ti, minha vida  
Pássaro de pena ela é;  
Quem não disser essa advinhação  
Cara de cavalo é

– Juriti

É de uma riqueza incrível tudo o que fica por se anotar nesse material. O livro como um todo demanda ainda um trabalho crítico de fôlego à semelhança do célebre *Roteiro de Macunaína*, de M. Cavalcanti Proença, para inventariar todas as tradições populares e documentais que se misturam nessa obra realmente extraordinária da melhor literatura de contracultura dos anos 1970.

Escolhemos algumas passagens desse romance em que o historiográfico e o mítico se confundem, para reproduzir e transcrever nesta apresentação da obra de Gramiro. Ao longo das sete Filmagens, são diversas as passagens que poderíamos trazer aqui para demonstrar esse caráter de disrupção histórica na narrativa ao mesmo tempo combativa e mágica, fazendo dialogarem entre si todos os tempos e todas as lutas, numa dialética de contradições e retornos, que surpreendentemente mantém pleno vigor no dizer-se ao nosso próprio tempo.

No final da “Filmagem nº1”, um dos personagens centrais do romance, Lucas Dantas, é apresentado pelas informações extraídas da relação de perguntas feitas ao réu, mescladas à sua filiação de santo segundo diversos panteões africanos colecionados sem receio de contradição. O capítulo é encerrado pela colagem da íntegra da folha volante apreendida e transcrita nos *Autos da Devassa da Conjuração dos Alfaiates*.

XIX - Lucas Dantas do Amorim e Torres, soldado mulato do Regimento de Artilharia, filho natural do homem branco Domingos da Costa e da negra Vicença Maria, nascido na cidade do São Salvador, foi preso num dia de domingo, no sertão de Água Fria, por um Sargento do Regimento Auxiliar da Marinha do Pirajá. Resistindo bravamente à prisão, levou um tiro na cabeça, formando um fundo corte "de mais de três polegadas".

Botou muito sangue, oh meus amiguinhos, mas não morreu. Ele que portava capotes em cores de poentes e usava brincos "em uma orelha" esquerda e Búzios como pulseira do braço, era filho Obá no reino dos encantados, de orixá nagô misturado com veduns jêjês igualmente influenciado pelos ritos negros de Angola, uma curiosa mistura de Omolu com Dã.

Um dos santos guerreiros da Praça dos Quinze Mistérios depois de deixar o Colégio dos Jesuítas, às nove horas da manhã e conseguiu chegar em pé junto com Manoel Faustino dos Santos Lira - já que Luís das Virgens e João de Deus do Nascimento tombaram pelo chão muitas vezes - na Praça da Piedade, para ser enforcado covardemente e cruelmente com seus companheiros, pela sua posição pela Independência do Brasil.

Também desta vez, não morreu. Ficou encantado, oh meus camaradinhas!

#### Préio

O Povo Bahinense, e Republicano ordena m.<sup>da</sup>, eq.<sup>z</sup> q<sup>z</sup> seja feita nesta Cid.<sup>a</sup> esse termo para ofuturo a sua memoravel revolução; portanto m.<sup>da</sup> q<sup>z</sup> seja punido com morte natural para sempre todo aq.<sup>to</sup> eq.<sup>z</sup> q.<sup>z</sup> sacerdote que no pulpito, conficionario, exortação, por q.<sup>z</sup> q.<sup>z</sup> forma, modo, maneira etc. persuadir aos ignorantes, fanaticos com o com q for contrario a Liberd.<sup>a</sup> ebem do Povo: manda o Povo q o Sacerdote q concorrer para ad.<sup>a</sup> revolução seja reputado concidadio como condigno. Os Deputados frequentarão todos os actos da igreja para q seja tomado inteiro conhecimento dos delinquentes: assim se entenda alias<sup>o</sup>.....

Note-se  
Que cada soldado  
terá de soldo 200 r.  
cada dia.

O Povo N.º 676  
Entes daliberdade

Deve ser publicada  
aprez.<sup>a</sup> que fica notada  
no Livro das Diétas f. 18  
Cap. 27 parag 3

N.º 10  
Republicanos  
676

Do Povo Bahinen  
se emconsulta dos  
Deputados e Repre-  
sentantes q são 392  
Entes.  
Viva.

Cena da morte (ou encantamento) de Lucas Dantas, ao final da "Filmagem nº1", seguida da colagem da transcrição editorada de um pasquim apreendido pelo governo colonial na manhã do dia 12 de agosto de 1798. (fl..374, maço 581, APEB.)<sup>3</sup>

XIX - Lucas Dantas do Amorim e Torres, soldado mulato do Regimento de Artilharia, filho natural do homem branco Domingos da Costa e da negra Vicença Maria, nascido na cidade do São Salvador, foi preso num dia de domingo, no sertão de Água Fria, por um Sargento do Regimento Auxiliar da Marina do Pirajá. Resistindo bravamente à prisão, levou um tiro na cabeça, formando um fundo corte "de mais de três polegadas".

Botou muito sangue, oh meus amiguinhos, mas não morreu. Ele que portava capotes em cores de poente e usava brincos "em uma orelha" esquerda e Búzios como pulseira do braço, era filho Obá no reino dos encantados, de orixá nagô misturado com veduns jêjês igualmente influenciado pelos ritos negros de Angola, uma curiosa mistura de Omolu com Dã.

Um dos santos guerreiros da Praça dos Quinze Mistérios depois de deixar o

3 A página colada por Gramiro parece ser a transcrição de Luís Henrique Dias Tavares, em sua *História da sedição intentada na Bahia de 1798* (São Paulo: Pioneira, 1975), que não pudemos consultar, mas parece ser seu principal mote, ou inspiração historiográfica, para a elaboração ficcional. A página colada ao final da "Filmagem nº3" refere em nota a transcrição de Kátia Mattoso, que é de 1969, e o suporte utilizado por Gramiro só pode ser anterior a 1978. Nos textos de arquivo, atualizamos ortografia e desdobramos abreviaturas da documentação antiga sempre com o fim de facilitar o acesso ao conteúdo do texto; e, na dúvida, seguimos a transcrição de Marcello Moreira (2011, p.183-184).

Colégio dos Jesuítas, às nove horas da manhã e conseguir chegar em pé junto com Manoel Faustino dos Santos Lira - já que Luís das Virgens e João de Deus do Nascimento tombaram pelo chão muitas vezes - na Praça da Piedade, para ser enforcado covardemente e cruelmente com seus companheiros, pela sua posição pela Independência do Brasil. Também desta vez, não morreu. Ficou encantado, oh meus camaradinhas!

Prélo

O Povo Bahinense, e Republicano ordena, manda e quer que seja feita nesta Cidade e seu termo para o futuro a sua memorável revolução; portanto manda que seja punido com morte natural para sempre todo aquele qualquer sacerdote que no púlpito, conficionário, exortação, por qualquer forma, modo, maneira etc. persuadir aos ignorantes, e fanáticos com o com que for contrário a Liberdade e bem do Povo do Povo: manda o Povo que o Sacerdote que concorrer para a dita revolução seja reputado concidadão como condigno. Os Deputados frequentarão todos os atos da Igreja para que seja tomado inteiro conhecimento dos delinquentes: assim se entenda aliás.....

Note-se

Que cada soldado terá de soldo 200 r. cada dia.

O Povo N.º 676  
Entes da liberdade

Deve ser publicada a presente que fica notada no Livro das Diétas f. 18 Cap. 27 parag 3

N.º 10  
Republicanos  
616

Do Povo Bahinense em consulta dos Deputados e Representantes que são 392  
Entes  
Viva[s].

Mais à frente, a “Filmagem nº4” encena um momento comovente de fraqueza humana num integrante semidivino da conspiração, Luís Gonzaga das Virgens e Veiga. O personagem, apresentado nas primeiras linhas do capítulo, se mistura a um mito norte-amazônico sobre a origem da palmeira Paxiúba:

Luís Gonzaga das Virgens e Veiga, religioso e revolucionário – alma de ouro e azulejo – líder de lendas, amante de cabrochas, macambúzio da Libertação, típico homem brasileiro do século dezessete, mulato, discriminado, poeta: coração vagabundo.

Há milhares de anos nasceu, no país de sol paradisíaco e constelações coloridas, numa taba de água grande, um menino cheio de enigmas bonitos. Sabia cantar com o vigor e a dissonância de todos os pássaros da selva e pintava – nuvens – cometas – relâmpagos com cores belíssimas. Fazia murais poéticos nos sons ventos veredas. Milomaqui, seu nome.<sup>4</sup>

---

4 Como os originais que obtivemos está cortado na margem direita destas páginas, transcrevemos sem o recurso da imagem.

A posição social e racial de Gonzaga é bem definida em termos históricos, mas a singularidade meio poética, meio mística do personagem de ficção é atravessada pelo mito de Milomaqui, dos Yahuna<sup>5</sup>: o menino queimado vivo que permaneceu cantando enquanto morria, dando origem à palmeira de lenho preto com fagulhas amarelas com a qual se fazem ripas para tabas, flautas e arcos resistentes, na região do Rio Negro.

[...] Quando morria – o fogo lhe chiando as carnes – Milomaqui continuava cantando, pintando, fazendo poesia: “morre meu coração vagabundo, abandona este mundo...” Corpo chamuscado e inchado pelo calor, ele ainda dizia: “agora estou morrendo, meu pensamento voa...”

Explodiu. Sua alma galgou o céu e suas cinzas viram flores ablongas (sic) e amarelas, transformadas numa árvore Paxiúba no outro dia.

A filmagem narrativa acompanhava o caminho do personagem em direção ao cadafalso: “Luís Gonzaga caminhava com maior cabreirice e lentidão do que seus companheiros. Estes sempre o olhavam, como ajudar quisessem uma derradeira solidariedade fraternal àquele homem bom, amigo leal, porém delicado e delirado dado a perder a cabeça (...).” A caminho da forca, Luís Gonzaga das Virgens lembrava-se sem rancor da acareação com Cipriano Barata, homem branco, cirurgião, companheiro na conspiração, que abjurara – “com a cara mais limpa desse mundo” – colocando os companheiros no esparro:

– Foram apenas palavras que pronunciei sobre o estado político da Europa, mas sem nenhuma aplicação no Brasil, que foram ouvidas e mal interpretadas por esses pardos interessados na Revolução. Mas não pertencço ao número dos seus confederados.

Luís Gonzaga-soldado não compreendia o racismo que limitava a ele e a Manoel Faustino melhores posições; Luís Gonzaga-Milomaqui, porém, compreende o “medo físico da morte” que movia o racismo do ex-companheiro intelectual branco.

Mas o soldado Luís Gonzaga estava agora sobretudo dominado pelo medo físico da morte, o escorpião da forca, quebrando os ossos e os nervos do seu pescoço, sua entrada no mundo desconhecido, inimaginado... Daí talvez seu apego quase neurótico a padres, imagens e igrejas. A política andou para longe, não levava mágoa do velho cirurgião, um artista e artimanhista, ambíguo, de duas caras – mas um partidário da Liberdade há muitos tempos, ninguém negava. Ah! a forca! oh meus amiguinhos [...]! Sentia-se tonto, procurando encosto em João de Deus do Nascimento; aflito o olhava, sem nada poder fazer. Seus olhos estavam vermelhos doentes como tomates manchados dos esterco de fungos furúnculo e, em sua mente delicada, a perturbação de costume. Incríveis sensações impenetráveis entre a mágoa e arrependimento visível por ter soltado – antes do tempo, sem consulta e isoladamente – poesias de liberdade pela ruas, paredes, portas, nuvens da cidade encantada do São Salvador.

---

<sup>5</sup> É muito provavelmente retirada do livro de Herbert Baldus, *Lendas dos índios do Brasil* (São Paulo: Brasiliense, 1946), ao qual não tivemos acesso até o momento desta publicação.

“Animai-vos povo bahiense que estar (sic) para chegar  
O tempo feliz da nossa Liberdade; o tempo em  
que todos seremos felizes; o tempo em que  
todos seremos iguais”.

A passagem transcrita como “poesia da liberdade” corresponde às primeiras linhas do primeiro panfleto copiado à folha 372 do maço 581, dos *Autos originais da Revolução dos Alfaiates* (Moreira, 2011, p.181), com uma pequena diferença, talvez involuntária, na cópia feita à máquina de escrever por Gramiro de Matos, que troca “irmãos” na terceira linha-verso, por “felizes”, num típico desvio de copista pela contaminação lexical da linha anterior.

Na seção ou cena XIV da “Filmagem nº5”, sob uma espécie de transe xamânico toma a palavra o Tenente Hermógenes Francisco Aguillar, outro réu processado na Conjura, dando-se conta das próprias contradições de sua posição e fazendo assim falar os “silêncios da dura noite de quinhentos anos”:

XIV - Como combater o inimigo que já não se vê , sabendo está cada dia cada vez mais presente ao ponto de situar-se dentro da nos sa própria carne, dentro do nosso pensamento e alma?

Ficava espantado, quando surpreendia, pensando que era ele mesmo a quem combatia, nesta guerra que não se sabe para que serve , qual seu sentido e desentido na matança de crioulos famintos, índios, co res, sol, fantasmas deuses. Matando-os, matando-me, bombardeando-os, bom bardeando-me, encapuçamo-nos em várias pessoas, circunstâncias desconcer tantes, agressor e agredido, atacando e defendendo, na luta diária exter na e dentro da sua própria maneira de ser, pensar, viver. Estaria fican do louco, volta a indagar o homem da crise colonial, personificando despersonalizando o Arranca-Língua, o monstro assombrador assombrado? O Des bicho-homem, desatacando suas ex-vítimas dos seus urros paralizantes, a cabando com a peste corrosiva de carater aftoso, construindo os tecidos das linguagens destruídas?

Dialético, Sacaibu, criador do povo, que trazia das en tranhas do interior lúgubre à multidão que esperava oprimida e esmagada à volta a democracia, à vida, pelo fio forte e comprido, retirado deplan ta complexa e bonita dos cajueiros da contradição.

Ah, meus camaradinhos, devia estar ficando louco o Tenen ta Hermógenes? Sendo ao mesmo tempo o invasor e o povo se libertando, o tanque da guerra de agressão e o guerreiro da Independência?

Devia ser cansaço, não dormia faz dias inteiros dobrados e noites longas esticadas, o acompanhamento andava longe voando, olhava pa ra seus companheiros, seus sofrimentos e risadas, vontades e dizeres. Se rã, que suas gentes lá da aldeia, os meninos-velhos das tascas de vinhos, os ceifadores de trigo, os construtores das casas, de tudo, pá, seria o mesmo povo igual que aqui se combate? Suas gentes velhas abandonadas e ignoradas, religiadas e aleijadas. Sua imaginação com tinta e papel bo tar cor nela, pinta seu povo, entenda, por acaso é a mesma gente menina velha que a própria lua persegue, que ninguém protege, as mãos a sangrar nas facadas de um sistema político enferrujado. O mesmo povo doente que vive no seu próprio país que nesta guerra dura e injusta, que estar a fa zer do seu coração um verdadeiro deserto, oh meus irmãos!

- Faremos do tribalismo unidade, do racismo solidarieda de entre todos os povos do mundo, como objetivo central da Independência.

XIV - Como combater o inimigo que já não se vê, sabendo está cada dia cada vez mais presente ao ponto de situar-se dentro da nossa própria carne, dentro do nosso pensamento e alma?

Ficava espantado, quando surpreendia, pensando que era ele mesmo a quem combatia, nesta guerra que não se sabe para que serve, qual seu sentido

na matança de crioulos famintos, índios, cores, sol, fantasmas deuses. Matando-os, matando-me, bombardeando-os, bombardeando-me, encapuçamo-nos em várias pessoas, circunstâncias desconcertantes, agressor e agredido, atacando e defendendo, na luta diária externa e dentro da sua própria maneira de ser, pensar, viver. Estaria ficando louco, volta a indagar o homem da crise colonial, personificando despersonalizando o Arranca-Língua, o monstro assombrador assombrado? O Desbicho-homem, desatacando suas ex-vítimas dos seus urros paralizantes, acabando com a peste corrosiva de caráter aftoso, construindo os tecidos das linguagens destruídas?

Dialético, Sacaibu, criador do povo, que trazia das entranhas do interior lúgubre à multidão que esperava oprimida e esmagada à volta a democracia, à vida, pelo fio forte e comprido, retirado de planta complexa e bonita dos cajueiros da contradição.

Ah, meus camaradinhas, devia estar ficando louco o Tenente Hemógenes? Sendo ao mesmo tempo o invasor e o povo se libertando, o tanque de guerra de agressão e o guerreiro da Independência?

Devia ser cansaço, não dormia faz dias inteiros dobrados e noites longas esticadas, o acompanhamento andava longe voando, olhava para seus companheiros e risadas, vontades e dizeres. Será, que suas gentes lá da aldeia, os meninos-velhos das tascas de vinhos, os ceifadores de trigo, os construtores de casas, de tudo, pá, seria o mesmo povo igual que aqui se combate? Suas gentes velhas abandonadas e ignoradas, religiadas e aleijadas. Sua imaginação com tinta e papel botar cor nela, pinta seu povo, entenda, por acaso é a mesma gente menina-velha que a própria lua persegue, que ninguém protege, as mãos a sangrar nas fachadas de um sistema político enferrujado. O mesmo povo doente que vive no seu próprio país que nesta guerra dura e injusta, que estar a fazer do seu coração um verdadeiro deserto, oh meus irmãos!

- Faremos do tribalismo unidade, do racismo solidariedade entre todos os povos do mundo, como objetivo central da Independência.

A narrativa fantástica é ao mesmo tempo literal. Sua mensagem, como soem ser os oráculos, está entre o hermético e o óbvio, entre a vidência e a evidência, constituindo um universo histórico cruzado por todos os mitos disponíveis.

Com o epíteto de “dialético”, o demiurgo Sacaibu, dos Munduruku, com o “fio forte e comprido” de sua resina traz de volta a democracia arrancada às entranhas lúgubres de matanças em que se matam povos, sóis, cores, fantasmas deuses: assim vislumbra “o homem da crise colonial” ao magicamente tornar-se lúcido quando enlouquece de cansaço. O fio estirado que brota do tronco retorcido do cajueiro<sup>6</sup> ferido parece emblema do reto e do tortuoso com que povos humanos e deuses tecem e tensionam a história, como a linha e o nó do *quipu* incaico, sucessão e contradição no curso do tempo, reunindo povos do levante e do poente, ceifadores de trigo e intérpretes de búzios, em seus embates-encontros, para finalizar com a frase libertária clarividente do tenente condenado, mas não à morte, visionário de si mesmo e de seu contrário: “faremos do tribalismo unidade, do racismo solidariedade entre todos os povos do mundo”.

---

<sup>6</sup> Tradições orais também associam Sacaibu à origem do algodoeiro e do fiar e tecer redes. Como dito, só um trabalho como o de Cavalcanti Proença para cruzar fontes viáveis dessa verdadeira emulação de *Macunaíma*, publicada, aliás, no cinquentenário da obra-prima de Mário de Andrade.

Na “Filmagem nº4”, cena XV, Gramiro refira outro trecho de uma folha volante apreendida pelo governo colonial e transcrita nos *Autos da devassa*, transformando-o em versos proferidos na praça pelos revolucionários-artistas que protagonizam a história mito-poética que *A Conspiração dos Búzios* reescreve:

“Cada um soldado é cidadão, mormente os homens  
pardos e pretos que vivem escornados e abandonados  
Todos ser[ã]o iguais, não haverá diferença,  
só haverá Liberdade, Igualdade e Fraternidade”.

As aspas são mantidas por Gramiro numa preocupação arquivística que a ficção mítica não perde de vista, copiando *ipsis litteris* (salvo as diferenças), o pasquim coligido na folha 381, do maço 581 da *Revolução dos Alfaiates* (Moreira, 2011, p.189).

No final da “Filmagem nº3” e da “Filmagem nº7, outras duas colagens da mesma natureza inserem na íntegra, respectivamente, as folhas 374 e 380, do mesmo maço 581 (*apud* Moreira, 183-184 e 187-188), incorporando dois outros pasquins apreendidos, com a verve crescentemente inflamada de utopia revolucionária como horizonte de um projeto de verdadeira democracia racial, a ser politicamente construído, conquistado e defendido. Em diversos outros momentos, trechos dos autos de perguntas feitas aos réus ou das sentenças condenatórias aparecem citadas e parafraseadas, numa documentação costurada às tramas míticas tradicionais de povos indígenas de África e América.

### **A morte do herói: um personagem histórico-narrador onisciente**

Este “romance histórico-surrealista”, como definiu Wilson Lins, é protagonizado por Manoel Faustino dos Santos Lira, o aprendiz de alfaiate, mestiço – amarelo-sarará, “cor de cabaça”, como o autor e o abará. Ao lado de João de Deus e Lucas Dantas, Manoel Faustino lidera o movimento anticolonial nesta representação transistórica, ou mítico-históriográfica, da Inconfidência Baiana.

O narrador-autor, quando assume a terceira pessoa, faz pensar quase sempre na entidade de um Preto Velho de terreiro, dirigindo-se a um interlocutor coletivo pelos vocativos “camaradinhas” ou “amiguinhos”, parecendo falar a alguém dentro e fora da narrativa, num espaço comunitário compartilhado entre os demais personagens e os leitores, que de fora do tempo ouvem uma narrativa histórica em perspectiva atemporal. Muitas vezes, esse narrador externo transita para a consciência dos personagens, não como unidades psicológicas, mas

como encantados, sejam como entidades sobrenaturais que se manifestam nas tradições religiosas de base telúrica e florestal, sejam como espíritos desencarnados, que não morreram: tornaram-se encantados.

---

FILMAGEM Nº 6

Manoel Lira, ex-escravo, nascido num pote de barro COLORIDO em Nazaré das Farinhas, na Feira do Caxixi, FILHO de Felizarda-Mãe-Ouro, ex-escrava - Mãe de Santo!

I - Mair - deus dos índios urubus - extraiu de Wirapitang, uma frondosa árvore vermelha, uma mulher - Felizarda-Mãe-Ouro, ex-escrava e futurista Mãe de Santo. Nascida na voz do rio Amazonas, cresceu viajando pelas-praias bravas e belíndas do nordeste sêco sozinho do século dezessete.

Solidão-doida/cabrocha linda/encontrou não durante o durante vinte anos de perigração mulher nenhuma companhia nem amante nunca, homem havia não, via nem.

Mas no Morro do Chápeu, sob o céu de galagala, largato de cabeça azul que habita em árvores de grande porte - território baía - no - numa madrugada xilogravada e quente, Felizarda acordou de um sonho incrível, ela mulher trombasana, havia topado um tapir selvaselvagem, com um pênis enorme. Trêmula-telúrica, gritando horror sendo, os sons formaram uma palavra nhanga, enfeitada:

- RANCUÃI-ANG! RANCUÃI-ANG!

Então nasceu da terra sêca, uma minhoca grande dura louca coloridíssima, metros muitos comprida, cabeça enorme, língua bifurcada cor de bilo-bilana de labaredas de fogo, que encantou-se para, aquela negra frajola chamêgo, gerada de uma árvore vermelha.

II - Felizarda, sonha de sonho de cio, mufana querendo, sentou-se encima daquela mandioca grande que saiu do interior da terra rachada com cabeça de cobra, acocorrando-se - e vendo sendo seu-sexo machamba doce xibiu comido virgem por aquela coisa inusitada e surpreendente, lindos berros de dor e alvoroçamento cantava, num ritmo imaginário de um batuque nunca visto - num gozo longo longe em cores que uniu o amanhecer e o entardecer, todas as bolas de mampsincha no céu de sua boca-baton de fêmea ensalivada.

Depois que a aparição sumiu, quando a noite estava no fundo de uma lagoa e uma estrela amarela correu entre as árvores e alguns mandacarús, Mãe-Ouro futurista sentiu forte vontade de mijar, mas fazê-lo não conseguia nas gretas comuns do chão nordestinado.

Chegante na ilha mágica - Itaparica - antes um dia, encontrou em Nazaré das Farinhas, na Feira do Caxixi, um pote de barro coloridíssimo de doer os olhos, onde conseguira urinar (o ventre já imenso, estufado e redondo).

Cinco minutos depois, nasci.

Eu, Manoel Faustino dos Santos Lira, conspirador dos Búzios, artista da sedição das Argolinhas - antirracista e anticolonialista assumindo agora a narrativa da estória/História.

Fui o primeiro: a ser enforcado na Praça da Piedade e a aparecer dois séculos depois vivo, oh meus camaradinhas!

[...]

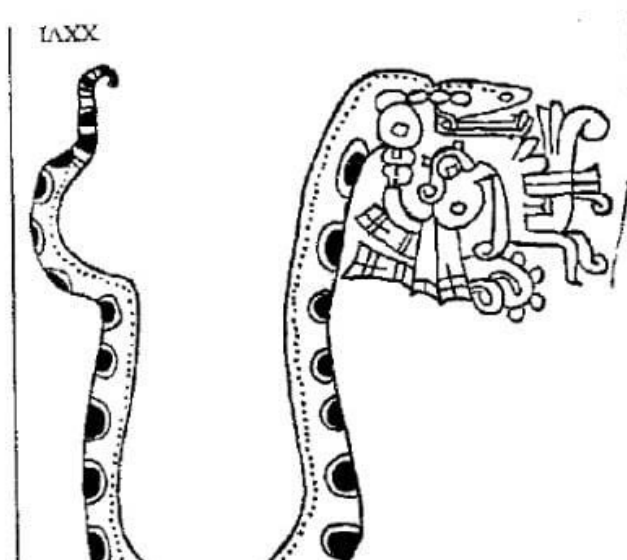
Pois serei o primeiro a ser enforcado. A Guarda e os Regimentos Coloniais estavam com os fuzis dentro da boca-sem-miado-mingua - de-sermada do povo porém. Lança afiada no dentro dos seus olhos-mestiços, patas de cavalos sobre o magro corpo inclinado. Tudo isso agente via na - quele dramático interím de coisas com um certo rancor e sentimento as vezes nilista.

Estava subindo o patíbulo da força, as mãos bonitas e generosas do Frei Carmelo me segurando - amparando os pequeninos - a me com fessando. Meus ossos daqui a pouco serão pedras, terra, a carne. Nossos cabelos, os matos. Sangue serão as pequenas vertentes, as veias se transformarão em ferros. Mas meus nervos, oh minha humanidade-mulata, minha ca brocha linda Lucrecia, Luis, João, Lucas, minha Mãe-Felizarda! Meus nervos são muito delicados, são poesia!... E por isso serão transformados em ouro. Felizarda, liberta da escravidão, Mãe-de-Santo há de defender contra os homens do colonialismo meus nervos delicados e todos os nervos-poemas dos condenados e injustiçados em qualquer tempo da História. A fim de que no dia do juízo, de volta à terra ou da aparição encantada, cada resuscitado encontrem puros-poemas os nervos dos que nunca morrem, ficam apenas encantados!

XVII - Manoel Faustino dos Santos Lira - poeta de parede, admirador do revolucionário anticolonialista maranhense Bequimão e do filósofo francês Rousseau, possuidor de uma Arçolinha de prata na orelha esquerda e de uma corda de arco-iris e de búzios na moeca da mão - oh meus irmãos, fui o primeiro a ser enforcado, tive que decidir. Não suportaria ver meus companheiros morrer antes e naquele último momento uma coragem inusitada se revelou. Ainda gritei pelo perdão do menino Jesus - sonhei que ele cortava cravos vermelhos para enfeitar meus restos mortais - a quem entreguei minha alma para não pensar e minhas sagradas convicções de liberdade - meu pensamento público derradeiro!

Ouvi então o rufar dos tambores e os sons das cornetas da Guarda colonial. Sem fôlego, agonizante, durante o instante eterno, a trilha tirana do discurso da ocupação e agressão, desaparecendo do meu coração no lúgrube momento da vida matada:

"A cabeça do réu Manoel Faustino, por não ter habitação certa, será postada defronte da casa de Lucas Dantas, onde fazia a sua maior assistência, esperou os convidados na dita noite de 25 de agosto, encaminhando-os para o Campo do Dique... a fim de reduzi-los... o continente... do Brasil... a um Governo Democrático e o subtrairem ao suavíssimo Governo da Rainha... Nos...sa...se - nho...ra".



## FILMAGEM nº 6

Manoel Lira, ex-escravo, nascido num pote de barro COLORIDO em Nazaré das Farinhas, na Feira do Caxixi, FILHO de Felizarda-Mãe-Ouro, ex-escrava – Mãe de Santo!

I – Mair – deus dos índios urubus – extraiu de Wirapitang, uma frondosa árvore vermelha, uma mulher – Felizarda-Mãe-Ouro, ex-escrava e futurista Mãe de Santo. Nascida na voz do rio Amazonas, cresceu viajando pelas-praias bravas e belindas do nordeste seco sozinho do século dezessete.

Solidão-doida/cabrocha linda/encontrou não durante o durante vinte anos de peregrinação mulher nenhuma companhia nem amante nunca, homem havia não, via nem.

Mas no Morro do Chapéu, sob o céu de galagala, largato de cabeça azul que habita em árvores de grande porte – território baía – no – numa madrugada xilogravada e quente, Felizarda acordou de um sonho incrível, ela mulher trombasana, havia topado um tapir selvaselvagem, com um pênis enorme. Trêmula-telúrica, gritando horror sendo, os sons formaram uma palavra nhanga, enfeitada:

– RANCUÃI-ANG! RANCUÃI-ANG!

Então nasceu da terra seca, uma minhoca grande dura louca coloridíssima, metros muitos comprida, cabeça enorme, língua bifurcada cor de bilo-bilana de labaredas de fogo, que encantou-se para aquela negra frajola chamego, gerada de uma árvore vermelha.

II – Felizarda, sonha de sonho de cio, mufana querendo, sentou-se encima daquela mandioca grande que saiu do interior da terra rachada com cabeça de cobra, acocorrandose – e vendo sendo seu-sexo machamba doce xibiu comido virgem por aquela coisa inusitada e surpreendente, lindos berros de dor e alvoroçamento cantava, num ritmo imaginário de um batuque nunca visto – num gozo longo longe em cores que uniu o amanhecer e o entardecer, todas as bolas de mampsincha no céu de sua boca-baton de fêmea ensalivada.

Depois que a aparição sumiu, quando a noite estava no fundo de uma lagoa e uma estrela amarela correu entre as árvores e alguns mandacarús, Mãe-Ouro futurista sentiu forte vontade de mijar, mas fazê-lo não conseguia nas gretas comuns do chão nordestinado.

Chegante na ilha mágica – Itaparica – antes um dia, encontrou em Nazaré das Farinhas, na Feira do Caxixi, um pote de barro coloridíssimo de doer os olhos, onde conseguira urinar (o ventre já imenso, estufado e redondo).

Cinco minutos depois, nasci.

Eu, Manoel Faustino dos Santos Lira, conspirador dos Búzios, artista da sedição das Argolinhas – antiracista e anticolonialista assumindo agora a narrativa da estória/História.

Fui o primeiro: a ser enforcado na Praça da Piedade e a aparecer dois séculos depois vivo, oh meus camaradinhos!

[...]

Pois serei o primeiro a ser enforcado. A Guarda e os Representantes coloniais estavam com os fuzis dentro da boca-sem-miado-míngua-de-sermada do povo porém. Lança afiada no centro dos seus olhos-mestiços, patas de cavalos sobre o magro corpo inclinado. Tudo isso agente via naquele dramático íterim de coisas com um certo rancor e sentimento as vezes nilista.

Estava subindo o patíbulo da forca, as mãos bonitas e generosas do Frei Carmelo me segurando – amparando os pequeninos – a me confessando. Meus ossos daqui a pouco serão pedras, terra, a carne. Nossos cabelos, os matos. Sangue serão as pequenas vertentes, as veias se transformarão em ferros. Mas meus nervos, oh minha humanidade-mulata, minha cabrocha linda Lucrecia, Luís, João, Lucas, minha Mãe-Felizarda! Meus nervos são muito delicados, são poesia!... E por isso

serão transformados em ouro. Felizarda, liberta da escravidão, Mãe-de-Santo há de defender contra os homens do colonialismo meus nervos delicados e todos os nervos-poemas dos condenados e injustiçados em qualquer tempo da História. A fim de que no dia do juízo, de volta à terra ou da aparição encantada, cada ressuscitado encontrem puros-poemas os nervos dos que nunca morrem, ficam apenas encantados!

XVII – Manoel Faustino dos Santos Lira – poeta de parede, admirador do revolucionário anticolonialista maranhense Bequimão e do filósofo francês Rousseau, possuidor de uma Argolinha de prata na orelha esquerda e de uma corda de arco-íris e de búzios na moeca da mãe – oh meus irmãos, fui o primeiro a ser enforcado, tive que decidir. Não suportaria ver meus companheiros morrer antes e naquele último momento uma coragem inusitada se revelou. Ainda gritei pelo perdão do menino Jesus – sonhei que ele cortava cravos vermelhos para enfeitar meus restos mortais – a quem entreguei minha alma para não penar e minhas sagradas convicções de liberdade – meu pensamento público derradeiro!

Ouvi então o rufar dos tambores e os sons das cornetas da Guarda colonial. Sem fôlego, agonizante, durante o instante eterno, a trilha tirana do discurso da ocupação e agressão, desaparecendo do meu coração lúgrube momento da vida matada:

“A cabeça do réu Manoel Faustino, por não ter habitação certa, será postada defronte da casa de Lucas Dantas, onde fazia a sua maior assistência, esperou os convidados na dita noite de 25 de agosto, encaminhando-os para o Campo do Dique... a fim de reduzi-rem... o continente... do Brasil... a um Governo Democrático e o subtraírem ao suavíssimo Governo da Rainha... Nos..ss..senho...ra”.

A “Filmagem nº6” é provavelmente o clímax de uma narrativa repleta de pontos altos. Nela, narram-se a concepção e o nascimento do herói, numa transição de pessoa narrativa em que, no nascimento do personagem, o narrador-autor assume a voz protagonista, apresentando-se como narrador-personagem, numa perspectiva que tem acesso a um tempo mágico, anterior ao próprio nascimento, e a um tempo trágico, posterior à própria morte, de modo que o herói, revolucionário-poeta-encantado, assiste e persiste à própria execução e aos séculos que virão, o que só é possível numa sofisticada dinâmica literária do tempo narrativo que faz jus ao elogio de Jorge Amado ao destacar Gramiro “entre os jovens ficcionistas brasileiros pelas posições de vanguarda... onde um vasto e profundo trabalho de pesquisa formal busca corresponder ao conteúdo contemporâneo de sua criação”.

A execução narrada pelo próprio executado é o ponto mais alto de uma trajetória que, ainda que historicamente situada na Cidade da Bahia e entre eventos transcorridos na última década do século XVIII, percorre muitos séculos e milênios, antes e depois, e muitos territórios, para muito além do Recôncavo: dos Andes à Amazônia, à África e à Europa. Transcorrendo num tempo mito-poético,

a narrativa reúne a pajelança de antes e depois dos eventos históricos que são sua matéria. Rousseau, o Iluminismo e a Revolução Francesa compõem uma transitoriedade hipermoderna com Orixás, Quipumayec, Caboclos, Voduns, e demiurgos e ancestrais humanizadores de diversas culturas indígenas, como Sacaiibu, Milomaqui e, aqui, Mair, dos Urubu-Kaapor, com quem Darcy Ribeiro conviveu. Todas as forças de criação são evocadas para arrancar democracia, liberdade, diversidade, do centralismo colonial da monocultura humana, sempre renato no Brasil, onde de tempos em tempos as elites herdeiras das vantagens coloniais sequestram povos e deuses, porque a cloaca de onde saiu a besta imunda ainda é fértil, mesmo quando derrotadas as criaturas que ela pariu.

Entretanto, nesse romance mítico-histórico, são cristalinas as relações de necessidade entre todos os elementos heteróclitos e heterodoxos, vindos de tempos, civilizações e mesmo dimensões tão diversos: tudo converge para a acusação anticolonial da violência em termos pertinentes (1) à época em que foi escrito (a década mais truculenta do regime militar, colonialista e autoritário), (2) à época que se retrata ou que se reescreve (os últimos anos do terceiro século de "Brasil-colônia") e (3) a esta época sempre presente que o irá reler, reviver e reescrever, porque nesta, que hoje nos atravessa, os horizontes do multilateralismo e da diversidade contra-hegemônica se vêm novamente sob ataque: nazifascismos supremacistas completamente fora do armário, invadindo, dizimando e anexando territórios, lastreando a violência militar com discursos frontal e abertamente contrários às garantias individuais e à autodeterminação dos povos, como se não houvesse ontens nem amanhã.

Sempre transitando pendularmente entre a materialidade arquivística, de um romance não apenas histórico mas também historiográfico, e a espiritualidade manifestada das tradições de terreiro e de floresta, de um romance (mais do que surrealista) panteísta de todas as tradições sagradas dos chamados paganismos: a narrativa em primeira pessoa do encantado Manoel Faustino dos Santos Lira, que assiste misticamente ao próprio enforcamento encerra-se, nesse ápice do romance, com a crua transcrição da condenação do herói, segundo os *Autos da Devassa da Conjuração dos Alfiates*.

## As letras na Conjuração Baiana: Filmagem nº4

VII - Na telúrica e belíssima manhã de um dia de agosto de 1798, na Cidade mágica e encantada do São Salvador, são encontrados na rua do Baixo de São Bento, na igreja de São Domingos, nas paredes da cabana da preta mãe de santo Benedita, os famosos papéis sediciosos, pregados com cola e caliça – muitos foram descobertos nas sacristias de igrejas, como as da Sé e Lapa.

Prometia liberdade aos escravos, falavam de uma iminente Revolução, oferecia vantagens à tropa, criticavam os impostos “latrocínios feitos com títulos de imposturas, tributos e direitos que são elaborados pela Rainha”, condenavam e exigia “que seja exterminado para sempre o péssimo julgo reinável da Europa” e “progresso no comércio de açúcar, tabaco, pau-brasil e todos os mais gêneros de negócios” clamando por “porto aberto” profetizando que “o povo será livre do despotismo do rei tirano” prometendo que os “oficiais terão aumento de posto e soldo” e admitindo que será “maldito da Sociedade Nacional todo aquele ou aquela que for inconfidente à Liberdade”.

Os misteriosos manuscritos tiveram imediata e grande repercursão, levando no mesmo dia – 12 de agosto – o Governo colonial a baixar portaria, ordenando ao Ouvidor Geral do Crime, a devassa para descobrir os autores ou autor. Já no dia 14 do mesmo mês, arrolava-se as primeiras testemunhas.

Enquanto este órgão competente realizava interrogatórios de vários cidadãos, o Governador, Dom Fernando José Portugal e Castro fazia sua própria investigação, examinando diversas petições arquivadas na Secretaria do Governo. A comparação de letras dos cidadãos [...] resultou na prisão do mulato Domingos da Silva Lisboa, natural de Portugal, radicado em São Salvador, 43 anos e requerente de causas. Sua casa foi invadida e apreendido livros e manuscritos.

As provas de que teria sido o autor dos boletins sediciosos baseavam-se no emprego das palavras “pardo” “liberdade” “mandar” – usadas por Domingos nas suas petições.

Notaram também que as características dos escritos do mulato português “em qualquer edição a que antecedentes tenha a letra vogal, a perna desta vai formar a astia do mesmo b, ficando neste ligada, o mesmo sucede com os hh” eram semelhantes com os dos boletins sediciosos, além de que os papeis recolhidos em sua casa eram idênticos aos manifestos.<sup>7</sup>

A denúncia de inconfidência que fornece o primeiro registro da materialidade histórica da Revolução dos Alfaites foi deflagrada no dia 12 de agosto de 1798, pela apreensão de diversos pasquins sediciosos recheados de “francesias”, afixados em esquinas ou lançados às portas de comércios e igrejas, em diversas localidades da Cidade de Salvador e vilas próximas. Salvador por mais de dois séculos tinha sido a sede do vice-reinado para capitanear a empresa lusíada da conquista ibérica no Brasil. A Cidade da Bahia era então a sede da Capitania, e o maior centro da burocracia letrada da colônia por ter sido a primeira sede do Tribunal da Relação, o mais alto tribunal de apelação na colônia desde o início do século XVII até fins do século XVIII.

---

7 Devido a uma falha na margem direita de parte deste material, não recorremos à imagem do texto datilografado.

Avizo ao Cléro, eão Povo Bahinense indouto

O Poderoso, eMagnifico Povo Bahinense Republicano desta cid. da Bª Republicana considerando nos m.<sup>tas</sup> latrocínios feitos em ostilulos, imposturas, tributos, e direito q̄ são celebrados por ordem da Rainha de Lisboa, e no q̄ respecta a inutilid.<sup>a</sup> da escravidão do mesmo Povo tão sagrado, e Digno de ser Livre; com respeito aliberd.<sup>a</sup> e iguald.<sup>a</sup> ordena, m.<sup>ta</sup>, equer q. p.<sup>a</sup> ofuturo seja feita nesta Cid.<sup>a</sup> e seu termo a sua revolução para que seja exterminado para sempre o peccimo jugo reinável da Europa; seg.<sup>da</sup> os juram.<sup>tas</sup> celebrados por tre.entos noventa edous Dignissimos Deputados Representantes da Nação em consulta individual de duzentos oitenta equatro Entes q̄ adoptão a total Liberd.<sup>a</sup> Nacional; contida no geral receptáculo de seiscentos setenta e seis homens seg.<sup>da</sup> o prelo acima referido. Portanto faz saber, e dá ao prélo q̄ se axão as medidas tomadas p.<sup>a</sup> o socorro Estrangeiro, e progresso do commercio de Açúcar, Tabaco, e pau-brasil, e todos os mais generos do negocio, e mais viveres; contanto que aqui virão todos os Estrangeiros tendo porto aberto, morm.<sup>ta</sup> a Nação Franzeza: Outrosim m.<sup>ta</sup> o Povo q̄ seja punido com pena p.<sup>a</sup> sempre todo aq.<sup>to</sup> Padre regular, e não regular q̄ no pulpito, conficionario, exortação, conversação por q.<sup>ta</sup> q.<sup>ta</sup> forma, modo, emaneira persuadir aos ignorantes, fanaticos, e ipocritas; dizendo q̄ he inutil aliberd.<sup>a</sup> Popular; também será castigado todo aquele homem q̄ cair naculpa d.<sup>a</sup> não havendo izinção de qualid.<sup>a</sup> para ocastigo. Quer o Povo q̄ todos os Membros militares deLinha, milicias, eordenanças; homens brancos, pardos, epretos concorrão p.<sup>a</sup> aliberd.<sup>a</sup> Popular; m.<sup>ta</sup> o Povo q̄ cada hu soldado perseba de soldo dous tostoens cada dia, alem das suas vantagens q̄ serão relevantes. Os ficiens terão aum.<sup>ta</sup> de posto, e de soldo, seg.<sup>da</sup> as dicitas: Cada hu indagará quaes sejam os tiranos opostos aliberd.<sup>a</sup> e estado livre do povo p.<sup>a</sup> ser notado; cada hu Deputado exercerá os actos da igreja p.<sup>a</sup> notar q.<sup>ta</sup> seja o sacerdote contrario a Liberd.<sup>a</sup>; o Povo será Livre do despotismo do rei tirano, ficando cada hu sujeito as Leis do novo Codigo, e reformado formulario; será maldito da socied.<sup>a</sup> Nacional todo aq.<sup>to</sup> ou aq.<sup>to</sup> que for inconfidente a Liberd.<sup>a</sup> coherente ao homem, emais

agravante será a culpa havendo dolo eclesiastico; assim seja entendido alias.....

O Povo

Deve ser publicada para não haver ignorancia: fica notada aprez.<sup>ta</sup> no Livro das Diétas folh. 12, cap. 3, parag. 1

N.º 10  
Republicanos

Do Povo Bahinense em consulta dos Deputados, e Representantes que são 392 Entes.

Viva.<sup>ta</sup>

**UAB**  
Universitat Autònoma de Barcelona

Servei de Biblioteques  
Biblioteca d'Humanitats

DONATIU

24. Arq. Est. BA, sec. hist., maço 581.

Colagem da transcrição editorada da folha 380, do maço 581 (*Revolução dos Alfaiates. Autos originais. APEB*), ao final de *A Conspiração dos Búzios*, na página após a citação datilografada de Brecht e do próprio nome de Gramiro de Matos, ambos em caixa alta.

Com o fim de compreender as atribuições e a posição social dos “homens que vivem de escrever” na cultura da manuscritura colonial – como é o caso do “mulato Domingos da Silva Lisboa” – e, a partir dos indícios deixados pelos documentos forenses, reconstituir a rede de práticas de produção e difusão de folhetos volantes de matéria política na Bahia do século XVIII, Marcello Moreira, professor e pesquisador do

DELL e do PPGMLS-UESB, transcreve as diversas cópias desse material apreendido na Conjuração dos Alfaiates e mapeia as localidades e o modo dessa *publicação manuscrita* pelo espalhamento sincronizado de cópias, não idênticas, de material revolucionário, que convocavam clérigos, soldados, comerciantes e o “povo baiense” em geral, para a revolução anticolonial e antiescravista, sob ideais declarados de liberdade, igualdade e fraternidade.

No dia 12 de agosto, o ouvidor-geral do crime mandou homens “à esquina da rua debaixo junto da quitanda de São Bento para arrancar um pasquim ou papel revoltoso que se achava [...] aí pregado” (*Autos da Devassa apud* Moreira, 2011, p.199)<sup>8</sup>. Segundo outras testemunhas que entregaram os papéis às autoridades, um boticário declarou ter visto, na Igreja da Sé, no dia 12 de agosto, às oito ou nove da manhã, na mão do cônego Manuel Anselmo, “um papel ou pasquim que se dizia ter aparecido debaixo da porta da sacristia na madrugada do referido dia” (*ibidem*). Duas outras testemunhas disseram ter ido à missa na Igreja da Sé, no mesmo dia, onde viram “os capelães [...] estarem lendo um dos pasquins ou papéis sediciosos que se tinham lançado em algumas igrejas desta cidade” (*ibidem*). No dia 24 de agosto, Pedro Nolasco de Sá Marinho e Azevedo, senhor de engenho nos limites da vila de Santo Amaro da Purificação, solicitou ao capelão que lhe mostrasse um pasquim que havia sido lançado à porta da Igreja da Lapa no dia 12. Antônio de Azevedo, dono de armazém, disse ter visto e lido, no dia 12 de agosto, “um pasquim afixado na cabana da preta Benedita, quando lá fora cobrar uma dívida” (Moreira, 2011, p.199). Outro boticário declarou ter visto um outro folheto “pregado na porta do açougue da Praia, o qual em nome do povo mandava a Câmara que pusesse a carne a seis tostões” (*idem*); neste último caso, um mês e meio antes do aparecimento simultâneo dos pasquins francamente revolucionários que se seguiram à primeira denúncia. Outro boticário disse ter visto, pela manhã ao levantar, um pasquim pregado na esquina da casa onde morava; segundo o depoente, ele “arrancou-o e, assim que o leu, surgiu o capitão Antônio José de Matos, que tomou o pasquim de suas mãos, a fim de mostrá-lo ao coronel do segundo regimento” (Moreira, 2011, p.199-200). Um outro que “vive de sua Botica”, João Gomes da Silva, declarou ter

---

8 A partir das transcrições de Moreira (2011, p.199-200), modernizamos a ortografia apenas para termos uma ideia da extensão atingida pelos folhetos da conjura, os tipos sociais visados pelos panfletos e as formas de espalhamento desse material apreendido tão logo posto em circulação.

visto material da mesma natureza que lhe foi apresentado pelas mãos do vigário da igreja da freguesia da Rua do Passo (*ibidem*). Um meirinho da moeda da cidade da Bahia disse ter visto no dia 12 de agosto, perto das oito da manhã, soldados retirando um pasquim pregado na esquina da praça do palácio e um outro pregado na parede da Igreja de São Domingos. Antônio José de Matos Ferreira e Lucena, capitão de granadeiros do Segundo Regimento de Linha, declarou que, ao sair de casa, no dia 12 de agosto, encontrou Manoel Joaquim da Silva, boticário, que lhe mostrou “uma meia folha de papel escrita, a qual, entre outras coisas que continha, e de que ele, testemunha, se não lembra, falava em uma próxima revolução” (*apud* Moreira, 2011, p.200).

O que os arquivos guardam até hoje não são os próprios papéis revolucionários, mas as cópias forenses, feitas por escrivães profissionais, a mando das autoridades coloniais, pois a praxe mandava anexar aos autos as cópias e destruir os originais.

Dos pasquins produzidos no século XVIII, em Minas Gerais e Bahia, só temos conhecimento por terem sido transcritos em autos de devassas e por menções que a eles se fazem nos mesmos documentos. [...] A destruição do papel objetivava evitar sua leitura e publicação entre a população, o que nos indicia uma forma de sociabilidade difundida na época que consistia em dar a conhecer o conteúdo das cartas difamatórias e dos pasquins por meio da “murmuração”. (Moreira, 2011, p.200.)

Já na capa, o romance de Gramiro de Matos alude a esses elementos arquivísticos que envolveram a matéria histórica de sua narrativa. Em *A Conspiração dos Búzios*, a indignação desses heróis negros e mulatos, artesãos e soldados rasos é uma materialização ficcional construída a partir do resíduo arquivístico daquilo que João Adolfo Hansen chamou de *murmuração do corpo místico*, no segundo capítulo de seu trabalho sobre Gregório de Matos. Hansen qualifica com termos daquele tempo as práticas sediciosas e seu controle estatal, operado pelas forças armadas da autoridade colonial e legitimado pelas práticas letradas investidas da teologia política que sustentava metafisicamente a monarquia portuguesa. Desde a fotomontagem da capa de *A Conspiração dos Búzios* – que propõe em estética livre a releitura de uma página de rosto de impressão colonial, simulando um panfleto antigo semidestruído e misturado à areia da praia – até às citações e colagens das transcrições dos arquivos, mescladas à narrativa hipermoderna e

engajada de Gramiro, enfim, em tudo, o romance transpira um esforço de arquivo, tanto quanto de criação. A própria oralidade das tradições indígenas que reúne promovem um arquivismo semelhante, mais uma vez, ao do *Macunaíma* de Mário de Andrade, exigindo do leitor o conhecimento do entrecruzar de narrativas que constituem e compartilham este solo e das institucionalidades e discursos que o recortam como Brasil, como América do Sul, e como Sul Global, nos dias de hoje.

Hoje, todos que participamos minimamente de um pensamento crítico sobre a colonização falamos sobre a *invasão* europeia no Novo Mundo, já sem *glamour* pelo assim chamado “período colonial”. Gramiro de Matos põe o foco sobre essa perspectiva dos eventos, sem tergiversar ou atenuar sobre aquilo que chama “a grande conspiração anticolonial em curso”. Assim ele a nomeia e põe sua obra como parte desta conjura de todas as forças não centrais, convidando-nos – *oh camaradinhas!* – a tomar parte, a partir de baixo. Evoca todos os Orixás, Voduns e demais portadores dos enigmas do tempo, transmitindo a onisciência que o personagem histórico demonstra ao morrer. Enfim, subverte a letra das coisas, seja na grafia particularmente desviante em palavras “difíceis” – *prosetilismo, nilismo, exelente, etc, etc* –, seja na falta de concordância verbal e nominal em ocorrências precisas – do falar brasileiro africanizado – como também no édito colado ao final que, mimetizando a linguagem escriturária dos ofícios do Império, invertia a autoria da acusação e os efeitos da condenação, na escrita revolucionária, atribuindo os crimes coloniais aos verdadeiros criminosos do colonialismo.

Todos os anacronismos e deslocamentos convergem nesse “romance histórico-surrealista” num debate sobre a liberdade e a democracia em plena ditadura militar. A dificuldade artística, ficcional defende sua posição ao mesmo tempo que o isola e o silencia entre os seus. Sua crítica à autoridade é radical e atemporal. Nela o regime militar não deixa de ser visto como um retorno colonial, como a eterna presença monstruosa do fascismo que todo autoritarismo faz emergir. A ficção por sua vez faz ver, fantásticamente, uma revolução dos encantados que mobilizam toda uma *ralé*, mestiça, escravizada, dizimada em guerras de colonização. Em Gramiro, a colonização é o presente, como hoje voltamos a ter de aprender, porque não há um “período colonial” quando não cessam de avançar as fronteiras agrícolas, nem se expurga de forma definitiva o “espírito do colonialismo”, que não é senão uma “manifestação” do fascismo,

onipresente. A onipresença do fascismo que se há de combater a cada dia demanda a onipresença de todos poderes das tradições de terreiro e de floresta. Neste sentido, não há pós-colonial, ao menos ainda, e possivelmente jamais, uma vez que as formas de o capitalismo dispor do território é necessariamente e por definição uma relação desencantada com a Terra, reduzida a mercadoria.

## REFERÊNCIAS

- CELESTINO, Mônica. *As trincheiras do Major Cosme de Farias (1875-1972)*. A interface entre atuação na imprensa e ações de caridade em Salvador (BA) no alvorecer da República. Tese de doutoramento pelo Programa de História Social da UFBA. Salvador, 2011.
- CERDÀ SUBIRACHS, Jordi. O princípio de nostalgia: sobre a Antologia da novíssima poesia brasileira (1981), de Gramiro de Matos e Manuel Seabra. *fólio - revista de letras*, v.16, n.1, p.146–164, 2025a. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/folio/article/view/18177>. Acesso em: 27 dez. 2025.
- CERDÀ SUBIRACHS, Jordi; CAIXETA, Maryllu de Oliveira (trad.). A aventura de Pasárgada. *fólio - revista de letras*, v.16, n.1, p.182–202, 2025b. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/folio/article/view/18155>. Acesso em: 27 dez. 2026.
- D'AVILA, Leonardo. Os silêncios em Gramiro de Matos. *fólio - revista de letras*, v.16, n.1, p.165-181, 2025. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/folio/article/view/18166>. Acesso em: 27 dez. 2025.
- JANCSÓ, A sedução da liberdade: cotidiano e contestação política no final do século XVIII. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). *História da vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- MATOS, Gramiro de. *A Conspiração dos Búzios*. Fac-símile da edição mimeografada de 1978. Capa e Montagem Gramiro de Matos e Rose, Fotos de Mário Cravo Neto, Desenhos do texto Polpolvuch e Africanos. Produzido por Ramiro Silva de Matos. Bahia, 1978.
- MATOS, Gramiro de. *A Conspiração dos Búzios*. Edição de Leonardo D'Avila. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2016.
- MOREIRA, Marcello. *Crítica Textualis in Caelum Revocata?* Uma proposta de edição e estudo da tradição de Gregório de Matos e Guerra. São Paulo: Edusp, 2011.